

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espírita

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

Isidoro Duarte Santos

EDITOR

Pedro C. Dias de Sousa

ANO 2.º

LISBOA, JANEIRO-FEVEREIRO DE 1941

N.º 9

A FALÊNCIA DO MATERIALISMO

por Isidoro Duarte Santos

III

VAMOS entrar num campo vastíssimo, em que o mistério do ser assumirá as mais variadas cambiantes.

Dissemos que provaríamos a verdade da sobrevivência da alma, tão combatida por adversários que não fazem questão de negar sem detido exame. É o que vamos fazer, não só com o testemunho dos sábios que gastaram muitos anos no estudo d'este grande problema, como, também, com a explanação da fenomenografia psíquica e espírita, que tantos engulhos causa ao raciocínio materialista, subjugado a critérios apriorísticos, a âmbitos estreitos que representam a negação, pura e simples, do mil vezes decantado espírito científico. E assim temos de alterar, fundamentalmente, o plano que esboçáramos, visto ser impossível resumir num só artigo o que anda disperso por dezenas de volumes.

De tôdas as locubrações humanas, uma há que está sempre presente e sobreleva tudo o que, porventura, nos pareça interessar verdadeiramente. Consiste na interrogação que se levanta, dia a dia, hora a hora, nos recessos da consciência de quem estuda e analisa:

— ¿Quem somos? ¿Donde viemos? ¿Para onde vamos?

Não há ninguém, por mais comodista ou desprendido que seja, que não tenha formu-

lado a si mesmo estas estranhas perguntas. A análise feita à natureza que nos cerca leva a conclusões que limitam extraordinariamente os nossos fracos conhecimentos e provam que o sistema planetário a que pertencemos não passa de poeira electrónica, comparado com os milhões de mundos disseminados pelo infinito. E quanto mais observamos e analisamos, auxiliados por aparelhagem que aumenta intensamente os efeitos das nossas pesquisas, mais nos aproximamos da realidade incontestável que milhares de pessoas teimam em repudiar.

O estudo dos astros exerce no homem a mesma acção que o estudo do electromagnetismo ou da força molecular. Num e noutro campo, a limitação refreia os ímpetos do sábio, que não pode ir além do alcance dos seus instrumentos ópticos. E, todavia, sente-se que, para além d'esse limite, a força e a matéria continuam a existir, sob modalidades infinitamente variadas, fora da órbita dos nossos sentidos físicos. ¡Pobres de nós que, incapazes de nos mantermos de pé alguns instantes, pretendemos iniciar jornadas utópicas através da matéria! ¡Pobres de nós, que vivemos num oceano de mistérios e temos de recuar ante o insondável, o incognoscível!

Contudo, verifica-se a existência dum plano

universal cientificamente ordenado, onde tudo se harmoniza e liga com perfeição absoluta. As leis que regem o infinitamente grande, regem o infinitamente pequeno. Dentro dum grânulo de pó há verdadeiros sistemas planetários formados por iões e electrões, cuja órbita, guardadas as devidas proporções, é semelhante à dos planetas do grupo a que pertence o nosso globo. A teoria cinética da matéria, entrevista por Daniel Bernouille, leva-nos a conclusões espantosas. Se nos lembrarmos de que as moléculas atmosféricas caminham à velocidade de quinhentos metros por segundo (1.800 km por hora) e que uma gota de água de dois milímetros de diâmetro é formada por tantas moléculas que levariam quatro mil anos a contar, à razão de mil por segundo; se nos lembrarmos, igualmente, de que o Sol é 1.326.472 vezes maior do que a Terra e de que Andrómeda é 232 triliões de vezes maior do que o Sol, outras nebulosas havendo de dimensões incomparavelmente maiores, ainda, tôdas elas girando com velocidades fantásticas, sem se afastarem um milímetro, sequer, da sua órbita, seremos levados, imediatamente, a pensar na Inteligência Suprema que dirige esta máquina portentosa, visto que o ateísmo é incompatível com o estudo da origem dos mundos e da vida.

O materialismo caiu nos mesmos erros das religiões dogmáticas e lançou a humanidade num remoinhar de sentimentos negativos que lhe impediram a marcha ascendente e equilibrada, através das verdadeiras sendas da evolução. Repelindo a crença na vida futura e dando à morte significado niilista conducente à paralização da vontade individual, o materialismo tornou-se réu de crime nefando: aniquilou as nobres virtudes que exornavam a alma humana, substituindo-as pelos espinhos crudelíssimos do orgulho que deixam chagas incuráveis.

Felizmente, há necessidade de quebrar as amarras que empolgam o espírito, sequioso de conhecimentos. A fé cega seguiu o destino do raciocínio estreito. O pensamento retomou as asas milenárias e dirige-se para o Alto e para Deus, fontes inesgotáveis de Verdade e de Amor, sem as quais não passaríamos de mísera engrenagem, sujeita à inconstância do movimento. E porque o materialismo não pôde ou não quis fornecer elementos que levassem a criatura à conquista de certezas morais, como resposta a naturais aspirações,

o homem volta-se para doutrinas racionais que, aliadas à evolução científica dos tempos modernos, preenchem lacunas que permaneceram abertas durante muitos e muitos séculos.

O Espiritismo surgiu, pois, na altura própria, quando os chamados positivistas des-norteavam as multidões com ditirambos ôcos, de fúria iconoclasta, erguendo pedestais à *Razão*, endeuzada por Augusto Comte. Apresentou-se como concepção filosófica que satisfazia as interrogações do espírito racionalista da época, ao mesmo tempo que abria novos horizontes espirituais à humanidade.

A opinião de Charles Richet

Os fenómenos psíquicos aparecem, geralmente, envolvidos de certo mistério que choca extraordinariamente a imaginação, não só das pessoas crédulas e simples, como, também, dos próprios sábios, que não deixam de ser influenciados, em virtude da curiosidade que sentem, em presença de qualquer coisa insólita ou inhabitual. Esta circunstância conduz muita gente à deturpação dos factos, atribuindo-lhes significado que não têm. Quando se ignora, por exemplo, a causa dum ruído ou da deslocação dum objecto sem contacto aparente, o dever é indagá-la, com método, até a encontrar. Talvez se verifique, depois, a simplicidade daquilo a que se deu foros de... sobrenatural. Qualquer opinião prematura, apenas servirá de obstáculo à investigação cuidada e judiciosa. Às vezes, o fenómeno em si está na razão inversa do exagêro de precauções tomadas pelo investigador, sobretudo, quando êle tem prática de laboratório, onde as pesquisas se limitam à matéria orgânica e os fenómenos se repetem com as mesmas características, desde que o ambiente não tenha sido modificado. Isto não significa, de nossa parte, objecção ao rigorismo de certos experimentadores que descem aos mais insignificantes pormenores, a-fim-de reduzir ao mínimo a probabilidade de ilusão, durante os seus trabalhos. Acharnos muito bem que se eliminem todos os factores que possam induzir em erro, visto que os fenómenos mal observados não merecem confiança e justificam o desdém que lhes votam os verdadeiros sábios, que se abstêm de negar *a priori* e que não temem confessar ignorância acerca daquilo que não estudaram.

Sabemos que há fenómenos autênticos, cuja gênese permanece incompreensível, no estado actual dos nossos conhecimentos. Mas o que não se explica hoje, explicar-se-á amanhã.

Estudemos, pois, os fenómenos psíquicos. As conclusões aconselharão o rumo a seguir pelo homem consciencioso e infenso a preconceitos científicos. E para que os leitores nos acompanhem confiadamente, certos de que chegarão a compreender a realidade da alma humana e a sua sobrevivência à morte do corpo (morte no sentido de transformação), vamos transcrever alguns passos dum trabalho que o eminente fisiologista Charles Richet escreveu nos *Annales des Sciences Psychiques*, há cerca de trinta anos, quando as suas investigações estavam, para assim dizer, no auge:

As ciências experimentais: física, química, fisiologia — são tão positivas como as ciências matemáticas; mas diferem destas, em virtude de não poderem apresentar negações. Fornecem factos, mas não podem provar, jámais, que outros factos (não contraditórios) são impossíveis.

Assim, o oxigénio combina-se com o hidrogénio para formar água. É um facto, contra o qual nenhum outro facto se poderá erguer; contudo, é perfeitamente admissível que o oxigénio, que nos parecia hoje um corpo simples, seja um dia desdobrado noutros corpos simples. É muito possível, até mesmo verossímil, que as nossas teorias acêrca da natureza íntima do fenómeno químico da combinação sejam completamente modificadas.

Pouco importa que, nas condições actuais, o oxigénio se combine com o hidrogénio, para formar água. Todavia, há nesta proposição um incidente fundamental. Nas condições actuais, o oxigénio combina-se com o hidrogénio. Ora, podem dar-se outras condições, em que a combinação seja impossível. Suponhamos, por exemplo, uma pressão extremamente fraca, outros gases misturados em grande volume e temperatura muito baixa. Pode muito bem acontecer que se torne impraticável a combinação do oxigénio e, neste caso, o químico não teria desculpa por não querer examinar as experiências, nas quais se falava da impossibilidade, para o oxigénio, de se combinar com o hidrogénio, em certas condições.

Também, quando se diz que o oxigénio se combina com o hidrogénio, não se pode provar a negativa, visto que, mudando as condições, é bem natural que a combinação seja irrealizável.

A base será encontrar condições novas, diferentes

das condições conhecidas, há pouco descritas e determinadas. Qualquer força desconhecida pode sempre modificar um fenómeno, de forma que a negação de impossibilidade experimental levaria a esta consequência absurda: *nenhuma força, conhecida ou desconhecida, pode suspender ou acelerar a combinação do oxigénio com o hidrogénio.*

Tomemos outro exemplo. É geralmente sabido que os corpos insusceptíveis de modificações químicas não produzem calor. Aqui está, segundo parece, uma lei certa, absoluta, universalmente clássica, estabelecida como base inquebrantável da física geral. Ora, a descoberta do *radium* destruiu a generalidade absoluta do facto, pois que o *radium* desenvolve perpetuamente notáveis quantidades de calor, sem modificação química apreciável.

Este fenómeno não contradiz as experiências anteriores. É um fenómeno novo, eis tudo. E o sábio que se recusasse a examinar um facto, lá porque êle fôsse, aparentemente, contraditório dos factos clássicos, seria um pobre diabo.

Entretanto, a única razão dos ataques *a priori*, aos fenómenos do Espiritismo, está, precisamente, na singularidade dos mesmos, pois que se não pode encontrar nos factos do Espiritismo a mínima coisa que contradiga, formalmente, os dados estabelecidos pela ciência.

Escolhamos o mais extraordinário, dentre os inumeráveis fenómenos alegados pelos espiritas: uma aparição, por exemplo, — a materialização do ser. O exemplo clássico seria o de Katie King, observado por Sir William Crookes.

Não há dúvida de que existe ali um fenómeno estranho, prodigioso, inverossímil. Por mais tratos que se dê à imaginação, não se encontrarão palavras para classificar o fenómeno da aparição dum fantasma, ser que tem peso, circulação, inteligência e vontade, ao mesmo tempo que o médium, ao lado desta nova entidade, conserva, igualmente, o seu peso próprio, circulação, inteligência e vontade. Todavia, por muito singular que seja a existência dum fantasma, não é absurda, nem contradiz a ciência estabelecida. Onde se encontra a experiência demonstrativa de que uma forma humana não pode aparecer?

Da mesma forma para os «raps» ou golpes inteligentes vibrados nos objectos inertes. Da mesma forma para a transmissão de pensamentos ou lucidez. Da mesma forma para o movimento de objecto a distância. A ciência não negou estes factos, nem os pode negar.

Recuso-me a admitir este argumento simplista: «É impossível, porque o bom-senso me diz que é impossível». Impossível, porquê? Quem é que já delimitou o que é ou não impossível? É preciso não esquecer

que todas as conquistas da ciência e da indústria foram consideradas, outrora, como impossíveis.

Eis o que disse Charles Richet, lente catedrático da Universidade de Paris, membro da Academia Francesa, um dos primeiros fisiologistas do mundo, a respeito dos fenômenos psíquicos.

Richet estudou grande parte das ciências e distinguiu-se nas investigações acerca do calor animal e da acção biológica dos alimentos. Depois, descobriu a *anafilaxia*, fenómeno contrário à vacinação, o qual foi confirmado pelas investigações de Auguste Lumière sobre os colóides. Além disso, dirigiu o magnífico «Dicionário de Fisiologia» e escreveu, de colaboração com seu filho, um «Tratado de Fisiologia Médico-cirúrgica». Foram tão extraordinários os seus trabalhos científicos, que em 1914 era distinguido com o prémio Nobel.

O estudo do sistema nervoso levou-o a escrever um «Ensaio de Psicologia Geral», que atingiu dezenas de edições. Foi colaborador de Sully-Prudhomme e discutiu as teorias darvinistas, deixando brilhantes traços das suas lucubrações filosóficas em muitas publicações da especialidade. Foi historiador e literato, rehabilitou o magnetismo animal, há cerca de setenta anos, provando que não havia fraude nos estados magnéticos ou hipnóticos e estabeleceu a psicologia do sonambulismo provocado. A sua obra «O Homem e a Inteligência» é o reflexo dessas lutas científicas e filosóficas. Mais tarde, dedicou-se às experiências telepáticas e de clarividência e aos fenómenos físicos da metapsíquica, estes últimos com as médiuns Marthe Béraud (Eva Carrière) e Eusápia Palladino. Finalmente, publicou o volumoso «Tratado de Metapsíquica», onde coordenou copiosa documentação, concernente aos fenómenos que desejamos analisar.

Vê-se, pois, claramente, quão grande, quão inconfundível não é a autoridade intelectual do sábio, cuja opinião tomamos para base do nosso estudo.

Mas não se trata só de Richet, o criador da metapsíquica que, em carta escrita, pouco antes da sua morte, ao professor Bozzano, se declarou convencido da verdade do Espiritismo.

— ¡Foi a sua obra que me convenceu! — exclamou êle, num momento de sinceridade e de franqueza.

Bozzano tem direito à nossa gratidão, por ter conseguido a conversão daquele sábio.

A opinião de sir William Crookes

Não se trata apenas de Richet, dissemos nós. Sim, não se trata apenas de Richet. Entre as centenas de autoridades que estudaram este problema, uma avulta, que ninguém poderá menosprezar, tão alto subiu a sua aureola científica, tão profundamente escrutou os misteriosos arcanos da natureza: William Crookes.

O Professor William Crookes tem lugar de relêvo entre a plêade de médicos, físicos, químicos, astrónomos, matemáticos, escritores, filósofos, homens de estado, militares, que mergulharam o intelecto no mar largo dos fenómenos *inhabituais*, de Richet. Crookes pode ser apontado como o maior físico do seu tempo e um dos maiores sábios dos últimos cem anos. Foi tal a sua precocidade, que aos vinte anos de idade chamou a atenção de muitas academias para os seus trabalhos acerca da polarização da luz, trabalhos que ampliou, chegando às famosas descobertas dos espectros luminosos. Inventou o microscópio e o fotómetro de polarização, além do espectroscópio, que permitiu aos astrónomos conhecer a constituição físico-química dos astros. Fêz progredir intensamente a astronomia. Os seus numerosos trabalhos, relativos à análise dos corpos celestes, e os novos processos de fotografia astronómica, conduziram a inesperadas descobertas.

Como químico, inventou processos de amalgamação do ouro e da prata, que se tornaram clássicos em todo o mundo. Descobriu o *thallium*. Deve-se-lhe a maior descoberta do século dezanove: o estado radiante da matéria, que deitou abaixo ideias antigas e abriu o caminho aos raios de Roentgen.

Mereceu a admiração dos sábios e a estima dos reis de Inglaterra.

Em 1871, empreendeu o estudo dos fenómenos psíquicos, com auxílio de diversos médiuns. As suas experiências tornaram-se célebres, não só pela categoria do investigador, como pela dos sábios que nelas tomaram parte.

Cinco anos depois, o grande Crookes, cuja inteligência e espirito científico ninguém, até ali, ousara pôr em dúvida, concluiu que os

fenómenos não só eram possíveis; eram reais ⁽¹⁾.

Esta afirmação abalou os fundamentos do materialismo da época, pois nenhum sábio de tal categoria ousara fazer semelhante profissão de fé, mau grado os preconceitos académicos. Acoimado de louco pelos seus colegas, Crookes não hesitou em renovar a sua declaração, sempre que achava oportunidade para isso. Certo dia, alguns críticos lembraram-se de propalar que o sábio se havia enganado e reconhecera o lôgro em que caíra. O desmentido, porém, não se fêz esperar, em carta escrita ao Dr. Elliot Cones:

«Peço-vos que oponhais o mais formal desmentido aos boatos, segundo os quais estou convencido de me haver enganado nas minhas experiências psíquicas».

Crookes não se enganou, nem repudiou declarações que fizera. Foi sempre homem digno e tinha a coragem das suas afirmações, como se vê pelo discurso que proferiu em 1898, ao ser eleito Presidente do Congresso da Associação Britânica para o Progresso das Ciências.

Nesse discurso de abertura, que ficou célebre e perdurou durante muito tempo na memória dos congressistas e de quantos o leram nos jornais de grande circulação, disse o descobridor dos raios catódicos e da rarefacção da matéria:

Há trinta anos que publiquei o relato das minhas experiências, tendentes a demonstrar que existe uma força utilizada por inteligências diferentes das inteligências humanas. Este episódio da minha vida é bem conhecido daqueles que me convidaram a presidir este congresso. Há, talvez, no auditório, algumas pessoas que gostariam de saber se eu falarei ou não dessa particularidade. Falarei, sim, embora brevemente. Passar tal facto em silêncio, seria cobardia moral, que eu estou muito longe de experimentar. Nada tenho a retratar. Confirmo as declarações que anteriormente publiquei e podia acrescentar-lhes, ainda, muita coisa importante.

Mais tarde, em Fevereiro de 1909, escreveu, novamente:

Depois das minhas experiências em matéria de neo-espiritualismo, iniciadas há trinta e oito anos, não vejo razão alguma para modificar a minha opinião doutroa. Seria cobardia moral recusar-lhes o meu testemunho, convencido, como estou, da sua verdade.

A opinião de sir Oliver Lodge

Ao lado de Crookes e Richet, aparece outro sábio de notabilíssimas faculdades, cuja obra atravessou tôdas as fronteiras do mundo culto. É sir Oliver Lodge, que acaba de desencarnar com perto de noventa anos de idade, verdadeiro fundador da física moderna e doutor por onze universidades, inglesas e australianas. Este cientista era considerado o verdadeiro campeão da sobrevivência, tal a tenacidade com que propagava esta verdade eminentemente consoladora.

Estou convencido da sobrevivência da personalidade depois da morte, como o estou da minha existência na terra — diz êle no «Raymond» —. Poderão alegar que essa convicção não se baseia na experiência dos meus sentidos. Um cientista especializado em física, não está sempre limitado pelas impressões sensoriais directas; lida com multidões de coisas e conceitos, para os quais os sentidos são como inexistentes. A teoria dinâmica do calor, por exemplo, e a dos gases; a teoria da electricidade, do magnetismo, das afinidades químicas, da coesão e até o conceito do Éter levam-no a regiões, onde a vista, o ouvido, o olfato e o tacto são impotentes para qualquer testemunho directo. Em tais regiões tudo tem de ser interpretado em termos do insensível, do insubstancial e do imaginário. Não obstante, essas regiões do conhecimento tornam-se-lhe tão claras e vivas, como as coisas materiais. Fenómenos comuníssimos requerem interpretação baseada nas ideias mais subtis — a própria solidez aparente da matéria pede explanação — e as entidades não-materiais com que os físicos jogam, gradualmente revelam tanta realidade, como tudo o que êle conhece sensorialmente. Como Lord Kelvin costumava dizer, nós, de facto, sabemos mais a respeito da electricidade, do que da matéria.

E como é assim, irei mais longe, dizendo que estou convencido da existência de «graus do ser», não sòmente mais baixos na escala do que o homem, como também mais altos-graus de toda a ordem e magnitude, de zero ao infinito. E sei, por experiência, que entre os seres alguns existem empenhados em ajudar e guiar a humanidade, não desdenhando de entrar em mínimos pormenores, se dêsse modo puderem assistir às almas que lutam por elevar-se. E creio ainda que, entre êsses altos seres, Um existe, ao qual, por instinto, o cristianismo consagra reverência e devoção.

⁽¹⁾ Ver «Factos Espiritas», por William Crookes, onde se descrevem, pormenorizadamente, as experiências d'este eminente sábio com o espírito de Katie King, auxiliado pela médium Florence Cook.

A sua bibliografia científica e filosófica é enorme: «O Homem e o Universo», «Razão e Crença», «Ciência e Religião», «Vida e Matéria», «A Formação do Homem», «Evolução e Criação», «A Ciência e o Progresso Humano», «Ideas Científicas Modernas», «Raymond, ou a Vida e a Morte», «Por que creio na Imortalidade Pessoal», «A Sobrevivência do Homem», «O Éter e a Realidade», «Paredes Fantasma», «Para Além da Física», «A Minha Filosofia», «A Realidade do Mundo Espiritual», etc., etc., etc., pois não vale a pena gastar muitas palavras acerca dum homem que todos os estudiosos conhecem, que foi Presidente da Secção de Matemática da *British Association*, detentor da medalha Rumford da *Royal Society*, presidente da Sociedade Física de Londres e da Sociedade de Investigações Psíquicas da mesma cidade.

Se nos referimos a este luminar da ciência moderna, é por desejarmos que o nosso trabalho assente sobre pirâmide triangular inamovível: Richet, Crookes e Lodge, qual deles mais severo nas suas investigações, homens de laboratório afeitos a trabalho verdadeiramente científico, portadores de obra honesta e duradoura, que ninguém de boa fé poderá amesquinhar.

Se quiséssemos, apresentaríamos imensa lista de sábios (antigos materialistas), que estudaram os fenómenos e acabaram por se convencer da sua realidade. Basta, porém, inscrever no pórtico estes três nomes, representativos doutras tantas fases do progresso das ciências, que eles tão bem souberam impulsionar, com trabalho fecundo e luminosa inteligência.

À medida que avançarmos nesta ladeira pedregosa, iremos apresentando nomes célebres que experimentaram sinceramente, olhos postos na Verdade que buscavam, pouco se importando de que lhes chamassem loucos.

Geralmente, os críticos do Espiritismo atacam sem argumentos sérios e inventam teorias muito mais complicadas para explicar um fenómeno simples. Têm horror ao que não compreendem, nem podem explicar, e apelam para o *bom-senso*, de que fala Richet, a fim de negar o que não admitem.

Se eles pudessem conhecer, *absolutamente*, a causa do mais simples fenómeno físico, químico ou biológico, teriam obtido a explicação de todos os outros fenómenos, teriam

CONFISSÃO

pelo Dr. Alfredo Mota

II

Continuando a explicar as minhas ideas e a mostrar como elas se têm aproximado da Verdade, sou hoje a dizer que as minhas leituras espiritas me levaram a conhecer melhor as Leis da Vida, e, na posse desse conhecimento, tomei a firme resolução de me abster de produtos cadavéricos de nossos irmãos inferiores, na minha alimentação. Com os produtos cadavéricos bani também da minha mesa as bebidas alcoólicas ou fermentadas e venho lutando para banir igualmente o fumo que consegui reduzir de 80 cigarros diários a 4 ou 5, o máximo.

E foi também num livro precioso do grande escritor espírita Léon Denis «Cristianismo e Espiritismo» a páginas 191, que encontrei a confirmação das leis da Homeopatia, nas seguintes linhas: «William Crookes conseguiu demonstrar que a matéria, tornada invisível, reduzida a quantidades infinitesimais, adquire energias, potencialidades incalculáveis, e que essas energias aumentam sem cessar à medida que a matéria mais se rarefaz».

É certamente o conhecimento desta lei que leva os homeópatas norte-americanos a empregarem, na sua brilhante clínica, medicamentos nas mais altas dinamizações (tantíssimos na 1.000.^a) com magníficos resultados.

E é também a minha convicção de me achar mais próximo da Verdade do que me achava antes de conhecer as doutrinas espiritas, que me leva a lutar corajosamente pela propagação destas doutrinas e pela homeopatia que abracei, num meio hostil como é o português, onde os interesses criados me fazem guerra sem quartel, mas onde vou conseguindo alguns adeptos e realizando curas que têm surpreendido os que delas têm conhecimento.

22 de Janeiro de 1941.

penetrado nos arcanos científicos do Universo.

Infelizmente, o Dr. Alberto Seabra tem razão: nem o maior génio de todos os tempos chegou, jámais, a compreender um simples fenómeno físico.

ESPIRITOFOBIA PROTESTANTE

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

III

NOS dois primeiros artigos da série que nos propusemos escrever, para impugnar as afirmações gratuitas publicadas no já citado opúsculo de Mr. Kernahan, analisámos três capítulos, dos sete de que ele se compõe.

Neste, vamos *ciscar* o quarto e o quinto capítulos, intitulados respectivamente «Telepatia» e «Esterilidade do Espiritismo». Como se vê, os títulos são sugestivos e prometem.

Não julguem os meus leitores que Mr. Kernahan faça acto de contrição e arripie caminho... tão estranho, através de seara alheia. Pelo contrário, segue sereno e imperturbável a rota que traçou e com ela se julga cada vez mais satisfeito.

Talvez calcule que com as suas *opiniões incontrovertidas e fulminantes*, destrua uma filosofia e uma ciência já quasi centenárias. Não seremos nós, porém, que o acordemos dêsse sonho... protestante. Deixá-lo invectivar contra nós, os espiritas, que dos tolos não reza a história.

Os coriféus protestantes, como Mr. Kernahan, ainda estão demasiadamente agarrados à casca da letra da Bíblia e não querem ou não podem compreender mais nada do que êsse texto destinado a uma civilização do tempo de Cristo.

Se êle a quisesse interpretar como nós, em espírito, e, sobretudo, se alijassem os resíduos da teologia católica, como lastro indesejável, então sim, seguiriam o que dizem os Provérbios, XVIII — 13: «É uma loucura e uma vergonha rejeitar um assunto antes de conhecê-lo».

Ora Mr. Kernahan, assistindo a uma única sessão espirita, arroga-se o direito de *conhecer* e condenar a nossa doutrina, fundada em sólidas bases científicas e demonstrada em milhares de factos indiscutíveis. Logo, está em contradição com um dos 66 livros canónicos, mesmo interpretados à letra...

A telepatia, segundo Mr. Kernahan

«Os espiritistas crêem ver em certos fenómenos que a nosso ver não passam de telepatia, uma prova das suas asserções. É claro que eu não nego que a telepatia seja uma maravilha, mas quando a telepatia, após um esforço de

investigação, coordenação e estudo, se tornar a bem dizer uma ciência exacta, então não serão mais as suas maravilhas exploradas pelos ocultistas e espiritistas para assim provarem as suas teorias».

Por esta amostra da prosa de Mr. Kernahan, parece que êle não condena nem descrê na telepatia; apenas afirma que depois dela se tornar uma *ciência exacta*, não serão as suas maravilhas exploradas pelos ocultistas e espiritistas.

Para o nosso contraditor, os ocultistas e os espiritistas *exploram* as maravilhas da telepatia. É desnecessário acrescentar que Mr. Kernahan não cita um único autor ocultista ou espiritista que tenha *explorado* essa maravilhosa *mina* da telepatia para *provar* as suas teorias. Queremos dizer, cita apenas dois: Conan Doyle e Oliver Lodge. Devemos convir que é pouco para quem, da sua cátedra, quere fulminar o Espiritismo.

Esclareçamos, pois, Mr. Kernahan:

A telepatia, como todos os fenómenos psíquicos, embora não seja ainda considerada uma ciência exacta pelas Academias Científicas, está entretanto bem estudada em todos os seus pormenores, devido aos esforços dos investigadores espiritas e metapsiquistas, consagrados a essas experiências interessantíssimas.

Desde Kardec, que nos seus livros «O Livro dos Espíritos» e o «Livro dos Médiuns», consagrou capítulos inteiros a essa categoria de fenómenos, até Camilo Flammarion, que no seu inquérito de Março de 1899 colheu mais de 2.000 respostas, aumentadas com as investigações mais recentes de Carlos Richet, assim como de Bozzano e outros; quasi podíamos afirmar que êsses fenómenos, pela sua cuidadosa selecção, comparação, análise crítica e depurados pelo crivo dos cálculos de probabilidade, êsses fenómenos telepáticos, repetimos, constituem hoje, para os metapsiquistas sem *parti-pris*, uma ciência exacta e inatacável.

Pelo menos, assim o afirma Richet, ao prefaciara tradução francesa do livro de Myers, Gurney e Podmore, intitulado «Phantasms of the Living», que em francês se intitula, erradamente, «Hallucinations télépathiques»:

«É a primeira vez que se ousa estudar científica-

mente o dia imediato ao da morte. Mas quem ousará dizer, sem ter lido previamente este livro, que isso é uma loucura?»

Ousou-o Mr. Kernahan, sem ter lido nem estudado os factos observados e analisados pelos investigadores imparciais de todos os continentes. E o mais interessante de tudo isto é que foi exactamente no seu país onde se estudaram e investigaram mais estes problemas psíquicos.

A literatura espírita em Inglaterra é das mais vastas e dignas de apreço. Os centros, jornais e revistas neo-espiritualistas, pululam em todo o Reino Unido e quasi não há um inglês que não creia em *espíritos*.

A própria imprensa profana, amiudadas vezes ocupa-se dos fenómenos supranormais, confirmando os factos divulgados pela imprensa espírita.

Consequências do véu...

Mr. Kernanhan está tão imbuído do espírito seitista, que não consegue enxergar nada à sua volta. Para ele, o Espiritismo é uma praga, uma doença endémica, cujo contágio é preciso evitar a todo o transe. É o que nos demonstra este bocadinho da sua prosa antiespírita:

«O Espiritismo parece privar os indivíduos da faculdade de discernimento, bem como da visão interior — pelo menos no que respeita a assuntos espirituais. Por isso é impossível para os espiritistas o reconsiderarem calmamente e sem preconceitos as suas teorias ou doutrinas».

¿Que tal? ¿Compreenderam este mistifório?

¿Que nos responderia qualquer protestante sério e bem equilibrado, se chegássemos ao pé dele e lhe atirássemos à queima roupa esta linda tirada:

— O Protestantismo priva os protestantes da faculdade de discernir, pelo menos no que respeita a assuntos bíblicos; por isso, para eles torna-se impossível analisarem com calma e ponderação as suas doutrinas e teorias, porque estão prontos aos preconceitos inibitórios e ridículos da sua religião absurda e anti-científica?

Quere-nos bem parecer que o nosso amigo protestante daria de ombros, ou nos julgaria fugidos de algum manicómio. Não seria para menos.

Pois é assim mesmo que Mr. Kernahan considera os espiritistas. Se nos fôsse possível *reconsiderar calmamente*, perguntar-lhe-íamos se os princípios cristãos são monopólio da sua Igreja e se os seus adeptos são infalíveis... como o papa.

Em todas as páginas do opúsculo protestante encontramos acervos de afirmações inconcebíveis e inteiramente desprovidas de citações abonatórias. Só vemos

má vontade e uma sistemática fobia contra os espiritistas. O autor faz a conspiração do silêncio contra os factos apontados pelos seus compatriotas e denigre, mistifica tudo o que possa favorecer os nossos pontos de vista, aliás aceites já por muitos milhares de representantes das academias de todo o mundo.

O Espiritismo já não constitue segredo para a maioria dos homens de ciência. Haja em vista os inúmeros institutos de investigações psíquicas, tanto na Inglaterra, como na América e Brasil. A literatura espiritualista já lançou no mercado milhões de volumes de toda a espécie: desde o romance às dissertações mediúnicas; desde o inquérito aos tratados de psicofisiologia para demonstração científica da existência do perispírito — o corpo espiritual, segundo Paulo, ou corpo astral, segundo os teósofos — como intermediário entre o espírito e o corpo físico.

Porque é necessário acentuar, emquanto a medicina alopática não perfilhar este princípio, tão vulgar dos ocultistas e espiritistas, justificam-se estas palavras de Gabriel Delanne:

«A fonte de todos os mal-entendidos que dividem os materialistas e espiritualistas dos espiritistas, deriva da ignorância em que se mantêm os sábios e os filósofos, no concernente à existência e natureza do perispírito».

Mas infelizmente, no dizer do espírito de Emmanuel, «a intelectualidade académica está fechada no círculo da opinião dos catedráticos, como a ideia religiosa está presa no cárcere dos dogmas absurdos». Quando todas estas teias de aranha preconceituosas saírem dos cérebros dos sábios oficiais e dos corifeus ortodoxos, a religião e a ciência progredirão sem peias de laboratório ou sacristia...

O protestantismo liberal

Para vermos como o Espiritismo é tolerante e eclético, respeitando todas as crenças e opiniões e não nutrindo contra qualquer princípio filosófico ou religioso a mínima fobia, como nutre o autor inglês em causa, vejamos o que nos diz Léon Denis no seu livro «Cristianismo e Espiritismo»:

«Há cerca de um século, consideráveis trabalhos empreendidos, nos diversos países cristãos, por homens de elevada posição nas igrejas e nas universidades, permitiram reconstituir as verdadeiras origens e as fases sucessivas da tradição evangélica».

E cita depois que foi F. Lichtenberger, na sua «Enciclopédia das Ciências Religiosas»; Eduardo Reuss, professor de teologia em Strasburgo, com a sua «História da teologia cristã no século apostólico» e finalmente Harnack, com o seu livro intitulado «A essência do cristianismo», que no século passado contribuíram

para uma reconstituição científica e histórica dos textos sagrados.

Até aí reinava o obscurantismo e imperava o dogma indiscutível. Depois desses esgotantes trabalhos fêz-se luz nos cérebros e a projecção do Cristo, desenterrado do pó das bibliotecas católicas e protestantes, alargou-se e humanizou-se. É a esses tenazes investigadores, desligados dos interesses de todas as ortodoxias religiosas ou científicas que se deve a nova exegese bíblica e que serve de fonte inexaurível para espiritas e protestantes beberem as suas inspirações para a execução dos seus trabalhos literários.

Esses conceituados historiadores, imparciais e amigos da verdade com V maiúsculo, pertenciam ao partido, formado à margem do Protestantismo, sob a designação de protestantes liberais. ¿E porquê? Porque repudiavam os dogmas e limitavam-se a reconhecer e exaltar a grandeza moral de Jesus e de seus ensinamentos puros. Esses homens eram dotados de um louvável sentimento de tolerância e de amigos do progresso.

Comparemos a atitude de Mr. Kernahan com estes seus confrades, para constatar a diferença que os separa. É talvez daí a origem da pulverização da Igreja Reformada em tantas comunidades antagónicas e que se anatematizam umas às outras.

Esses homens estavam, portanto, mais perto do Espiritismo, que do Protestantismo. Eles não aceitavam os dogmas da trindade, da predestinação, nem muito menos os do pecado original e das penas eternas.

De todos os dogmas ainda impostos pela Reforma, só uma coisa eles aceitavam: a moral evangélica. Ora é esse, precisamente, o ponto de vista religioso do Espiritismo.

A-pesar-de Mr. Kernahan afirmar que os espiritas *deshonram o Altíssimo*, são eles os que mais e melhor interpretam os livros sagrados. Desde Kardec com o seu livro *«O Evangelho segundo o Espiritismo»* até Sayão, com as suas *«Elucidações Evangélicas»*, todos nós procuramos honrar e venerar Jesus e os seus princípios, disseminados hoje por toda a parte, pelo Espírito de Verdade ou Consolador prometido por Ele.

Deste modo o Espiritismo não teme as setas ervadas de qualquer sector religioso, porque tem a consciência de que, pugnando pela pureza do Evangelho, é porque entende que o Cristianismo, depurado da ganga teológica que o desfigura, será no futuro um elemento apreciável de progresso e o verdadeiro código moral e social da humanidade.

A ignorância de Mr. Kernahan...

«O espiritismo moderno, espalhando aos quatro ventos que é um grande movimento, não tem sequer — e isto é surpreendente — uma

literatura digna desse nome». E mais adiante: «Porém o espiritismo ainda não acrescentou uma linha sequer à boa literatura. Os próprios homens e mulheres de valor que enfileiram no espiritismo, parece até que, quando sobre ele escrevem, se tornam inferiores a si próprios».

Estes períodos são o reflexo da ignorância de Mr. Kernahan, acerca do movimento espírita em todo o mundo, e especialmente no seu próprio país. Pois bem, para que ele e os seus sequazes não fiquem desconhecendo essa avalanche de boa literatura espírita, citemos-lhes apenas isto:

Só a Federação Espírita Brasileira, em 8 anos, publicou mais de um milhão e duzentos mil exemplares de obras originais e traduções dos melhores autores estrangeiros.

Na América do Norte, a *«Grande Síntese»*, de Pietro Ubaldi, já esgotou duas edições e os livros de Bozzano são disputadíssimos. E não designamos os títulos e tiragens formidáveis das centenas de jornais e revistas que espalham a boa doutrina do doce rabi da Galileia. Junte-se a esta espantosa actividade publicitária a contribuição dos milhares de centros espalhados pelo gigante Brasil, dos seus congêneres sul-americanos e o movimento espírita, cada vez mais avassalador na própria Inglaterra, França e Itália, e far-se-á uma idea desta bola de neve, nascida em Hydesville, na América do Norte, em 1848, transformada numa avalanche ciclópica, que transmutará a face do mundo moral. E todo este esforço titânico se deve às injunções do Alto, donde partem as directrizes a imprimir a toda esta grandiosa manifestação volitiva do Espírito de Verdade.

Quer queiram, quer não, os protestantes de todos os ritos têm de reconhecer esta verdade, porque ela está bem patente e contra factos não há argumentos que os nulifiquem.

O nosso confrade Dr. Viriato Correia, numa conferência que pronunciou na sede da Federação Espírita Brasileira, conferência notável e que constituiu a sua pública conversão ao Espiritismo, citou a história do coelho da toca que, teimoso em sair da lura onde era rei, se sentia feliz e satisfeito da vida farta e regada que usufruía. Um dia, porém, os coelhos vassallos, abandonando-o na sua gruta escura, o coelho-rei não teve outro remédio senão transpor a porta e engolfar-se no mundo exterior, a-pesar-de ao princípio o espectáculo da Natureza o ofuscar e emocionar com tanto deslumbramento.

Pois Mr. Kernahan também se julga feliz na sua fumaça do protestantismo, onde se imagina onipotente e orgulhoso do seu pequenino reino ortodoxo, qual o coelho da fábula. Como este, não quer sair da lura

reformista, enquanto os seus asseclas o servem e apoiam incondicionalmente.

Um dia, porém, os seus sequazes, como os coelhos vassalos, fugir-lhe-ão um a um e não mais o apoiarão. Então, vendo-se sozinho na gruta, ver-se-á compelido a abandonar de vez o sectarismo luterano e defrontar, com sofreguidão, a vastidão imensurável dos postulados espiritas, como já o fizeram e estão fazendo muitos dos seus correlegionários. Será a sua estrada de Damasco, como a de Paulo de Tarso.

Todo este exórdio vem a propósito dele afirmar que, a-pesar-de «há mais de quarenta anos ter lido e ouvido sobre o Espiritismo», ripostando a uma frase de Conan Doyle, pergunta com a mesma ingenuidade do coelho da fábula:

«¿Que é que já fez o Espiritismo para melhoramento da humanidade neste mundo, êle, que pretende ter lançado tanta luz sobre o outro?»

«¿Poderá o sr. Conan Doyle citar uma simples instituição de beneficência criada e mantida pelos espiritas, um hospital, um asilo para velhos, doentes, pobres ou aflitos, tais como as igrejas têm organizado aos milhares, e ainda estão hoje organizando e mantendo?»

Res non verba...

Já que, como o coelho da fábula, Mr. Kernahan não quer sair da toca acanhada do seu mundo ortodoxo protestante, entremos nós no seu real paço para responder, por Conan Doyle, às suas interrogações enfáticas e capciosas:

O Espiritismo tem no seu activo uma obra gigantesca de beneficência. Na própria Grã-Bretanha, as curas obtidas são relatadas em todos os jornais e revistas, tais como o «*Psychic News*», «*The Two Worlds*», «*The Greater World*» e muitos outros. Onde, porém, tem florescido em maior escala e caminhado a passos agigantados é no Brasil, a Pátria do Evangelho.

Apontemos, ao acaso, algumas das numerosas e operosíssimas instituições de toda a espécie, que na pátria brasileira progridem e prosperam com a ajuda do próprio Estado, que as considera de utilidade pública.

Três agremiações de Penambuco, instruem cerca de 600 crianças em várias escolas, mantidas pelos seus protectores, segundo nos informa «*O Mundo Espirita*», semanário que se vende nas ruas do Rio de Janeiro, como os matutinos materialistas.

A Federação Espirita Brasileira, casa máter do Espiritismo, que há perto de 60 anos exerce a sua acção

altruista, tem pugnado pela propaganda, orientação e fundação de vários orfanatos, Abrigos, Escolas, Hospitais, Ginásios, Albergues Nocturnos, Ambulatórios Médicos e Odontológicos, Assistência aos necessitados, etc. etc.

E ainda não nos referimos aos sanatórios, policlinicas e à Hora Espirita Radiofônica, utilíssima e oportuna iniciativa mais recente dos nossos irmãos de além Atlântico.

Essas obras proclamam bem alto os objectivos altruístas da nossa Causa, a-pesar-de centenária. Imagine-se o que não terá executado ao fim de dois milénios, quais o da existência da igreja católica.

Outro exemplo típico é o hospital ambulatório e policlinica que a Tenda Espirita Mirim está erguendo no Rio para uma assistência de 1200 pessoas nas suas salas de conferências, e que custará cerca de 500 contos brasileiros.

Seria interminável a lista das instituições que os nossos irmãos brasileiros sustentam para espalhar o bem e aliviar as dores físicas e espirituais da humanidade sofredora. E todo esse sacerdócio é exercido sem se indagar do credo político ou religioso do necessitado e — acentue-se bem — gratuita e cristãmente, sem a mira da recompensa terrestre, como o ensinou Jesus Cristo!

Preguntamos: ¿Se de facto a Igreja fundou e mantém instituições de caridade — o que nunca negamos — porque não reconhece a existência das que o Espiritismo fundou e mantém?

¿Essa atitude negativista não será contrária aos princípios cristãos?

Este artigo já vai longo. É necessário pôr-lhe o ponto final.

Já destruimos, com factos, as asserções inexactas e as interrogações presunçosas e impertinentes de Mr. Kernahan.

No próximo e último artigo concluiremos a análise do célebre opúsculo do nosso contraditor protestante.

Para terminar as nossas considerações aconselhamos, contudo, a Mr. Kernahan e aos seus partidários a meditem nestas sensatas palavras de Léon Denis:

«Sejamos cristãos, mas elevando-nos, acima das diversas confissões, até à fonte pura de que brotou o Evangelho. Amemos o Cristo, mas coloquemo-lo superior às seitas intolerantes, às igrejas que se excluem mutuamente e se anatematizam. O Cristo não pode ser jansenista nem jesuíta, nem huguenote; os seus braços estão amplamente erguidos a toda a humanidade».

Parece-nos que o Espiritismo, preconizando estes princípios, não *deshonra* o *Altíssimo*, como o pretende Mr. Kernahan, talvez um dos últimos abencerragens duma igreja em declínio...

O FACTO ESPIRITA

pelo coronel Faure da Rosa

II

TÔDA a gente quer provas visíveis do facto espiritista, provas que satisfaçam e perdurem, que dispensem até de assistir a experiências mais ou menos obscuras e das quais, muitas vezes, se duvida. (Paul Corquin).

A mais clara e duradoura das provas objectivas — porque além de visível é palpável — é a que se deve a Aksakof e, posteriormente, ao Dr. Geley: a moldagem de membros humanos materializados.

Os moldes que foram fotografados demonstram que a matéria subtil e invisível pode concretizar-se, de tal maneira, que aparece com as qualidades de um sólido, tão sólido, que pode imprimir a sua forma na parafina.

O molde de duas mãos cruzadas constitue uma prova irrefragável, porque só mãos fluidicas podem retirar-se do molde, sem o deteriorar. É um argumento irresistível contra todos aquêles que negam a materialização do Invisível. (Aksakof).

A obscuridade não é condição essencial para a obtenção de materializações, completas ou incompletas. O célebre médium inglês Dunglas Home — a quem chamavam o príncipe dos médiuns — produziu materializações em plena luz.

Landsay — mais tarde conde de Crawford — narra o seguinte caso de materialização completa acontecido com Home: «Numa noite em que perdi o último combóio para o Palácio de Cristal, tive de ficar em Norword, no quarto de Home, onde, sobre um sofá, improvisei uma cama. Pouco depois, vi ao pé do sofá a forma de uma mulher, de perfil. Perguntei a Home se via alguma coisa. Respondeu-me que via uma mulher a olhar para êle».

Landsay distinguiu perfeitamente as feições da aparição e fixou-as na memória. Pareceu-lhe que a figura vestia uma túnica comprida e larga, sem cintura. Home declarou que era a mulher dêle que costumava visitá-lo amiúde. No dia imediato, entre várias fotografias, Landsay reconheceu a da aparição da véspera: a falecida esposa de Home.

Um dia, numa sessão experimental em que Home era médium, viu-se formar o fantasma completo de uma mulher que se aproximou do médium e o beijou. O fantasma colocou-se ao lado de Home, junto da janela; recebia, assim, a luz do dia, em cheio. Todos os assistentes verificaram que o fantasma interceptava

a luz do dia como se fôsse um corpo sólido. A figura do fastasma parecia tão material como a do próprio Home. Ninguém podia dizer, com segurança, qual era o corpo físico e qual era o espírito materializado.

São notáveis as materializações que William Crookes obteve com o médium Home. O Dr. Charles Richet considera-as as mais célebres, as mais decisivas, até à data em que escreveu o seu *Traité de Metapsychique*.

A narrativa é do próprio Crookes:

«Uma pequena mão, de forma muito bela, surgiu da mesa de jantar e deu-me uma flôr. A mão apareceu por três vezes, dando tôda a facilidade para eu me convencer de que a aparição era tão real como a minha própria mão. Isto passou-se à luz do dia, no meu quarto.

«Numerosas vezes, outras pessoas viram uma mão premir as teclas da harmónica... Viram-se dois dedos arrancar as pétalas duma flor que Home trazia na lapela.

«As mãos e os dedos não me pareceram sempre sólidos... Algumas vezes ofereciam, antes, a aparência de uma nuvem vaporosa condensada. Uma nuvem luminosa parecia formar-se em volta de um objecto; depois concentrava-se, tomava uma forma e transformava-se em mão perfeita. A carne parecia tão humana como a das pessoas presentes. No pulso e no braço tornava-se vaporosa e perdia-se numa nuvem luminosa.

«Retive uma dessas mãos nas minhas, bem resolvido a não a deixar escapar. Nenhuma tentativa se fez para que eu largasse a minha presa; mas, pouco a pouco essa mão parecia transformar-se em vapor e foi, assim, que ela desapareceu dentre as minhas mãos.

«De outra vez, em minha casa, vi agitarem-se os cortinados de uma janela que ficava, aproximadamente, a oito pés (cêrca de 2,5) de distância de Home. Uma forma sombria, semi-transparente, semelhante a uma figura humana, foi vista por todos os assistentes, de pé, perto da janela a agitar o cortinado com a mão. Enquanto nós a olhávamos, desvaneceu-se e os cortinados deixaram de mexer.

«Um dia, um fantasma avançou de um canto do quarto e pegou numa harmónica. Em seguida, deslisou

pela casa tocando o instrumento. Este fantasma foi visível durante muitos minutos, sem nunca se ter deixado de ver o médium. O fantasma acercou-se duma senhora sentada a alguma distância e como a dama tivesse dado um gritinho, o fantasma desapareceu imediatamente».

As materializações não se conseguem com rapidez. Às vezes é preciso muito tempo para que os fenómenos se produzam. Em muitas ocasiões há que esperar uma, duas a até três horas para obter qualquer manifestação. Todavia acontece, excepcionalmente, conseguir-se uma ou outra manifestação após curta concentração.

O objecto materializado tem, quasi sempre, a forma do ser humano: quer dizer, é quasi sempre um fantasma que se forma. Por vezes, do fantasma só é visível a mão ou um dedo, apenas.

Conquanto a presença de um fantasma completo seja mais dramática que a de um dedo ou de uma simples falange, o processo de produção do fenómeno é o mesmo.

Uma mão articulada, quente, flexível, móvel, resistente, inteiramente idêntica à mão humana, não é fenómeno menos extraordinário que o fantasma que vê, passeia e fala. A dificuldade é a mesma.

Richet entende que não vale a pena perder tempo a enumerar os absurdos psico-fisiológicos que deveriam impossibilitar a realização deste fenómeno. Um ser vivo, uma matéria viva que se forma à nossa vista, que tem calor próprio e, indubitavelmente, respiração; que tem uma espécie de personalidade psíquica, visto que possui uma vontade diferente da vontade do médium... numa palavra, um novo ser humano que aparece, é o cúmulo do maravilhoso. E, entretanto, — conclue Richet — o facto existe (1).

O Dr. Gustave Geley viu e estudou as materializações produzidas em várias sessões experimentais, com diferentes médiuns. Viu e estudou aquilo que uma centena de homens de ciência, pelo menos — especialmente médicos — têm observado e juntam o seu testemunho ao dele, Geley. Ao testemunho dos sentidos, Geley pôde juntar o dos instrumentos de registo e o da fotografia (2).

O modo de operar consistia em hipnotizar o médium; isto é, em levá-lo ao estado de hipnose superficial que, contudo, atingia o esquecimento da personalidade normal. Depois, o experimentador mandava-o sentar no gabinete negro.

Note-se que o gabinete negro das materializações, tem unicamente por fim subtrair o médium às influências perturbadoras do ambiente e, especialmente, à acção da luz. Deste modo pode-se conservar na sala a iluminação suficiente para observar o fenómeno.

Nas experiências que Geley efectuou com a médium Eva, a produção dos fenómenos principiava sempre por sensações dolorosas da médium: suspiros e queixumes intermitentes, inteiramente parecidos com os de uma mulher em trabalho de parto. Tais queixumes atingiam o paroxismo no próprio momento do começo aparente do fenómeno. Deminuíam ou cessavam quando a manifestação se completava.

O processo resume-se no seguinte: Do corpo do médium sai, exterioriza-se uma substância, denominada ectoplasma, que, de começo, pode ser amorfa ou polimorfa. Esta substância desenvolve-se, constituindo representações de órgãos mais ou menos complexos. O aparecimento do ectoplasma é anunciado, geralmente, por umas manchas líquidas e brancas e luminosas, cujas dimensões vão, desde as de uma ervilha, às de uma moeda de cinco francos, espalhadas por vários pontos do calçado, principalmente no do pé esquerdo.

Com a médium Eva, o ectoplasma brotava de todo o corpo da médium; mas, especialmente, dos orifícios naturais e das extremidades; do alto da cabeça, do bico dos seios e das pontas dos dedos. A abertura por onde saía com mais frequência e mais facilmente se podia observar, era a da boca. Via-se, então, o ectoplasma sair da superfície interna das faces, do céu da boca e das gengivas.

O ectoplasma apresenta aspectos variados: umas vezes — e é este o mais característico — reveste o aspecto de uma pasta maleável, verdadeira massa protoplásmica. Outras vezes, apresenta fios miúdos e numerosos. Ora aparece com a forma de cordões de diversas grossuras — de traços delgados e rígidos — ora com a de uma faixa larga. Tão depressa parece uma membrana como pode afigurar-se-nos um pedaço de estôfo, de um tecido delgado com contornos indefinidos e irregulares.

O mais curioso dos aspectos é o de uma membrana larga orlada de franja. Em suma, o ectoplasma é essencialmente amorfo, ou melhor, essencialmente polimorfo.

A quantidade de ectoplasma exteriorizado é muito variável: umas vezes é pequeníssima, outras é considerável. Há ocasiões em que cobre o médium todo como se fôsse um manto.

O ectoplasma apresenta três cores diferentes: branca ou preta ou cinzenta. A mais frequente é a branca, talvez por ser a mais fácil de observar. Acontece, às vezes, apresentar as três cores simultaneamente.

Ao contacto, o ectoplasma dá impressões variáveis.

(1) Charles Richet — *Traité de Metapsychique*, pág. 196.

(2) Conferência do Dr. Geley realizada em 28 de Janeiro de 1918, no *Collège de France* — *Revue Spirite* de 1918, pág. 339.

em regra, é úmido e frio; às vezes pegajoso, viscoso. Raramente é seco e duro. A impressão ao tacto depende da forma. Quando se estende, parece mole e um tanto elástico; duro, nodoso ou fibroso, quando forma cordões. Às vezes dá a sensação de uma teia de aranha ao roçar a mão dos observadores. Em certos casos, os fios do ectoplasma são rígidos e, ao mesmo tempo, elásticos.

O ectoplasma movimenta-se: ora evolue lentamente — sobe, desce, passeia por cima do médium, pelos ombros, pelo peito, pelos joelhos, com movimentos de arrasto que fazem lembrar os de um réptil — ora tem evoluções bruscas e rápidas — aparece e desaparece como um relâmpago. É extremamente sensível: a sua sensibilidade confunde-se com a do médium hiperestesiado. O menor contacto reprecute-se dolorosamente no médium. Se o contacto é tal que magoe, por pouco que seja, ou demore, o médium sente uma dor comparável à que causa uma pancada na carne viva. O ectoplasma tem tendência irresistível e imediata para organizar formas. Acontece, freqüentemente, fazer-se a organização com tanta rapidez, que não é possível ver a substância primordial. Outras vezes, vê-se, simultaneamente, tanto a substância amorfa como as representações mais ou menos completas englobadas na sua massa. Por exemplo, um dedo humano pendente da franja do ectoplasma. Vêem-se até cabeças, rostos envolvidos no ectoplasma.

As representações são muitíssimo diversas. Algumas vezes, são formações inorgânicas indeterminadas; mas, a maioria das vezes, são formações orgânicas, variáveis, como complexidade e perfeição.

Crookes, entre outros experimentadores, descreveu materializações completas. Tratava-se, não de fantasmagorias, no sentido vulgar da palavra, mas de seres que possuíam, momentaneamente, todas as particularidades vitais dos seres vivos; cujo coração batia, cujos pulmões respiravam, cuja aparência corporal era perfeita.

Geley viu dedos admiravelmente modelados, aos quais nem unhas faltavam. Viu mãos completas com ossos e articulações. Viu um crânio com vida, ao qual apalpou os ossos por baixo de uma espessa cabeleira. Viu rostos bem formados, rostos com vida, rostos humanos!

Há uma categoria extravagante de formações, a-par das que se produzem, completa ou incompletamente: são imitações de órgãos, mais ou menos perfeitas, mais ou menos grosseiras. São verdadeiros simulacros. Simulacro de um dedo, sem deste órgão ter mais que a forma geral, sem calor, sem agilidade, sem articulações. Simulacro de caras que parecem imagens, recortes ou máscaras. Simulacro de tufo de cabelo aderentes a formações indefinidas... Estes si-

mulacros desconcertaram muitos observadores. «Dir-se-ia — exclamava um deles — que uma espécie de génio maléfico zomba dos observadores!»

Geley entende que os simulacros se explicam, facilmente. São o produto de uma força de rendimento mediocre, com meios de execução ainda mais mediocres, força que faz o que pode; isto é, pouco faz, porque pouco pode.

Não há que estranhar — acrescenta Geley — pois a própria fisiologia normal apresenta simulacros. A par de organizações bem feitas, de produções fetais completas, há abortos, monstruosidades, representações aberrantes.

Geley conclue que «os fenómenos de materialização demonstram, com evidência indiscutível, que é falsa a concepção do universo chamada materialista. Pode afirmar-se, sem reservas, que há no indivíduo outra coisa muito diferente de um «complexus» de células, como há no universo outra coisa muito diferente de um agregado de átomos».

E esta demonstração é feita pelo facto espirita.

* * *

A prova subjectiva da sobrevivência da individualidade, não tem menos clareza nem menos evidência do que a prova objectiva das materializações. É também o facto espirita que fornece a prova subjectiva por excelência: as «correspondências cruzadas». *Cross correspondance* lhe chamam os ingleses e americanos, aquêles que mais praticaram e desenvolveram estudos desta natureza. Michel Sage entende que a única prova incontestável da sobrevivência de uma inteligência, é a que se mostrar activa na actualidade. Tal prova é dada pelas correspondências cruzadas quando dimanem de desencarnados.

De um modo geral e em síntese, as correspondências cruzadas consistem em comunicações fragmentárias recebidas por dois ou mais médiuns, juntos ou distantes uns dos outros, seja qual for a distância que os separe. Se os comunicantes forem espíritos desencarnados e as palavras pronunciadas demonstrarem actividade intelectual actual dos comunicantes, a prova da sobrevivência da individualidade humana é irrefutável.

Dentre as muitas e variadas correspondências cruzadas em que trabalharam médiuns notáveis pela sua cultura intelectual e integridade moral, sobressai a que respeita à individualidade de Myers e foi recebida pelas médiuns sr.^{as} Piper e Verrall.

A correspondência cruzada é uma espécie de labirinto ou enigma para cuja decifração é indispensável encontrar a chave como acontece com os enigmas vulgares.

Sage, Balfour, a sr.^a Sidgwick e outros experimen-

VERGONHA CIENTÍFICA

por J. Vendrell i Mercadal

I

HÁ muitos anos que a Humanidade faz esforços para decifrar o problema da morte, perguntando se a alma é imortal, crença esta que foi admitida pela maioria dos homens, talvez mais em virtude dos ensinamentos religiosos, do que das conclusões científicas. E, deste modo, a pergunta ainda se encontra de pé, para gáudio duma espécie de indivíduos insatisfeitos de fé dogmática.

Quer pela religião, quer pela filosofia a até mesmo pelo estudo da história natural, aventaram-se grande número de suposições. As religiões arcaicas, por exemplo, dizem-nos que, depois da morte do corpo físico, a alma irá directamente receber o prémio ou o castigo de que fôr merecedora, segundo o seu procedimento, durante a sua passagem pela terra. Ora, é inegável que, naqueles tempos, tal crença serviu de excelente base para firmar uma moral adequada e conveniente, de modo que travasse os instintos egoístas do homem, criando, igualmente, uma religião que, a par de mística, induzisse os povos a temer as cruciantes punições das chamadas vingadoras.

Mas os cérebros modernos, os espíritos sedentos de conhecimentos reais, não se contentam com vagas teorias, sem outra base, além da fé cega.

Pela filosofia, verificamos que os dogmas religiosos não suportam qualquer análise lógica; e o combate

tadores, entendem que estes enigmas são preparados por inteligências que não podem ser as dos médiuns receptores das comunicações. A correspondência cruzada é obra de uma inteligência que sabe fazer-se compreender e quer impressionar, especialmente, o médium de que se serve. Assim, já não é possível supor que intervém o subconsciente dos médiuns ou dos assistentes. Demais, se o subconsciente pudesse pensar, seria consciente.

Entretanto, não basta conhecer a doutrina e compreender o facto espirita: é indispensável pôr em prática os seus ensinamentos.

Conhecer a doutrina e proceder em oposição aos seus preceitos mais elementares, não é senti-la, é praticar embustes.

!E quão graves são as responsabilidades de todos os tartufos!

É o *facto espirita* que, assim, o demonstra todos os dias e a todo o instante, com a sua justiça kármica.

entre o dogma e a inteligência, a qual se apoia unicamente em estudos racionais, deduções e factos experimentais, acabou por aniquilar, quasi por completo, a fé religiosa, levando o mundo a nefasto materialismo, mais ou menos encoberto, com seu inevitável cortêjo de guerras sangrentas, imperialismos despóticos e desenfreados egoísmos, consequência natural da descrença numa vida espiritual *post-mortem* e falta de confiança numa compensação pelos sacrifícios feitos.

A-pesar deste problema ser o mais importante e que maiores consequências traria a todos os ramos científicos, morais e espirituais, vemos, com espanto, que a maioria dos cientistas voltam costas a esta questão, desprezando o seu estudo, podendo nós classificar de vergonha científica o facto da chamada ciência oficial menosprezar o estudo da morte e do além.

A Física seguiu nas pegadas do materialismo e riscou de seus estudos o sobrenatural. Justa determinação. O pior foi ter riscado também o transcendente da natureza, confundindo sobrenatural com supranormal.

Dizer que os cientistas repudiam os estudos psíquicos seria enorme injustiça. É certo que muitos deles, mesmo sem ter experimentado, se atrevem a dar opiniões e a formular teorias, alguns impugnando a veracidade dos fenómenos e atribuindo-os à imaginação dos médiuns e à sugestibilidade dos experimentadores, enquanto outros declaram que tudo é efeito da imaginação. E não faltam, mesmo, aqueles que, pretendendo simplificar a coisa, enveredam por invias sendas, insinuando a existência duma complicada matéria, só revelável com a colaboração de anormalidades psíquicas.

Há, também, outros cientistas de grande valimento e nomeada que, desprezando o riso do ignorante, têm dedicado grande parte da sua vida ao estudo dos problemas transcendentais, procedendo às mais rigorosas experiências, comprovando e demonstrando a imortalidade da alma humana.

O Espiritismo, sendo, em parte, uma filosofia sincrética, pode considerar-se ciência integral e positiva, pois, quando procura a demonstração da existência da alma, como realidade substancial, apoia-se em factos concretos e devidamente controlados. Claro que tal demonstração não pode consistir em análise laboratorial, visto não podermos encontrar a alma num crisol

ou numa retorta. Contudo, a demonstração é feita segundo o próprio raciocínio materialista, pois que os espíritos fizeram-se ouvir e deixaram-se ver, tocar, pesar e até auscultar, muitas e muitas centenas de vezes.

O Espiritismo, não proveio de nenhum credo ou dogma religioso; não teve origem em qualquer teoria nascida de circunstâncias fortuitas, ou moral convencional; não foi engendrado, inventado ou descoberto. Teve, sim, um codificador: Allan Kardec, a quem a história, sempre justa em seus juízos e indiferente às paixões dos homens, qualifica de precursor. Mas o Espiritismo nasceu sozinho: dos factos e da realidade. Nasceu, como resultante da própria existência dos espíritos.

A antiguidade dos fenómenos espiritas e da crença na imortalidade da alma perde-se na noite dos tempos. Todos os povos, nos seus princípios religiosos, possuem, como base fundamental, a crença numa vida futura, vida mais subtil, de natureza material. Tal crença pode considerar-se universal, o mesmo critério se applicando à fé no poder da comunicação com os que abandonam o mundo físico.

Nos mais antigos tempos da tradição esotérica, encontramos as evocações aos chamados mortos. Em toda a Ásia existiu sempre uma religião cuja base residia na possibilidade da relação directa com aqueles que haviam desencarnado, em viagem para o Além.

Por antiquíssimos documentos, recolhidos por Mr. Sydeny King, no seu contacto com os bonzos, sabe-se que, nos officios religiosos, dos sacerdotes chins, costumava haver duas cadeiras a mais, destinadas a ser ocupadas por fantasmas brancos que ali acorriam, mediante evocação.

Na Índia, os brâmanes gozavam do poder de evocar os espíritos dos mortos. No «Rubihyar», livro sagrado dos hindus, lê-se o seguinte passo: «Fácil vos será reconhecer os Mestres, cujo espírito transparente está próximo a elevar-se. Vê-los-eis imaterializados, quando a palavra santa sair de seus lábios. O seu corpo físico será levitado por diversas vezes...» E, nos nossos dias, são os *arghis* e os *yoghis* os depositários destes conhecimentos esotéricos que só poderão compreender aquêles que um dia conseguiram penetrar nos misteriosos santuários tibetanos, para se entregar à comunicação entre encarnados e desencarnados.

Tôdas estas crenças, porém, tiveram origem no antigo Egipto. Os faraós viviam rodeados de magos — médiuns lhes chamaríamos hoje — que tinham o poder de materializar os espíritos desencarnados. Segundo conta o sábio egiptólogo Ruduard Gley, era de sete em sete anos que os familiares dum notável defunto se reuniam na sala contígua àquela em que o seu corpo estava encerrado. Acompanhados dum mé-

dium, evocavam o espírito durante três dias consecutivos, mediante rigoroso jejum e constante prece mental. O médium caía em transe e aparecia uma materialização branca de tal realidade, que, ainda segundo o mesmo egiptólogo, em nada se diferenciava do ser, quando encarnado. E falava aos assistentes, aconselhando-os acerca da maneira de conseguirem a evolução espiritual.

Os judeus tinham, também, a mesma crença. Para comunicar com o Além, era necessário estar iniciado e submeter-se a três periodos de purificação, de sete anos cada um.

O sábio historiador israelita Josefo fez pública confissão de fé reencarnacionista. E o padre Didon, na sua «Vida de Jesus», diz que o povo israelita acreditava na volta do espírito, reencarnando noutros corpos e que esta doutrina era ensinada nas escolas da Judeia.

No Zohar, livro sagrado dos judeus, ensina-se a crença reencarnacionista. O povo persa e o caldeu, atingiram alto grau de cultura sobre a magia daquê tempo e faziam evocações de espíritos, com os quais comunicavam.

Entre os incas da América, as materializações atingiam tão elevada perfeição, que, no dizer do historiador Max Saurer, bem conhecido pelos seus estudos esotéricos, eram duma perfeição máxima.

Na Grécia e em Roma, as pitonizas e sibilas passaram à história, em virtude de suas maravilhosas comunicações e de seus oráculos, que eram dados em transe, depois de grande concentração e preparação de jejuns e preces.

Na Idade Média, constituíam verdadeiras legiões em todo o mundo os que se relacionavam com o Além, pretendendo estabelecer contacto directo com os espíritos dos mortais. Mas a intolerância fanática amordaçou as consciências e proibiu os estudos esotéricos, criando os tribunais da Inquisição, cujos crimes ainda hoje fazem estremecer.

Entre os numerosos sábios que foram perseguidos por estes tribunais, citaremos os seguintes: Galileu, que demonstrou a rotação da Terra em volta do Sol; Pierre d'Albano, autor do «Tratado de Astronomia», e que, por sustentar teoria idêntica, foi queimado em esfinge, em Bolonha, em 1327; Ceco, que foi queimado vivo, no mesmo ano, em Florença. Em 1600, foi também queimado Jordano Bruno e em 1625 desenterraram o cadáver do sábio físico António Dominis, a-fim-de ser queimado — pois teve o arrôjo de morrer na prisão, antes de sofrer aquela suprema tortura.

* * *

A-pesar da terrível perseguição de Roma e da interminável lista de vítimas da intolerância religiosa,

e da sistemática oposição da maior parte dos cientistas, contra todo e qualquer descobrimento contrário à crença ou lei estabelecida, foram, no entanto, dezenas de sábios que já na época medieval estudaram e demonstraram a verdade da comunicação dos espíritos.

O místico Bohéne escreveu em 1375 um belo livro, intitulado «Da vida com os mortos». Paracelso, o grande médico e astrólogo, publicou em 1493 várias obras, acerca da forma de estabelecer as relações directas com os espíritos. E, desde então até os nossos dias, uma plêade de sábios saltou por cima da ortodoxia científica e deu o seu apoio ao estudo do psiquismo.

O juiz Edmonds, presidente do Senado Norte Americano, foi um dos precursores das sessões experimentais submetidas a rigoroso controlo. Ele e sua filha, revelaram-se excelentes médiuns. O Dr. Robert Hare, professor da Universidade de Pensilvânia, utilizou aparelhos de precisão nas suas sessões experimentais. O notável naturalista Alfred Russel Wallace estudou cientificamente os fenómenos espiritas e, do seu depoimento, resultou que a Sociedade Dialética de Londres nomeasse uma comissão de sábios para experimentarem e se pronunciarem sobre a autenticidade dos mesmos fenómenos. As conclusões deste importante inquérito foram as seguintes:

«1.^a — Produzem-se sons de carácter muito variado, parecendo provir dos móveis, do sobrado e das paredes das salas, sem que possam ser atribuídos a uma acção muscular ou mecânica; 2.^a — Efectuam-se movimentos de corpos pesados sem qualquer intervenção mecânica ou acção muscular correspondente por parte das pessoas presentes e frequentemente fora do contacto ou da proximidade de quem quer que seja; 3.^a — Estes ruídos e movimentos produzem-se muitas vezes no momento e nas condições pedidas pelos assistentes e, por meio dum simples código de sinais, respondem às perguntas ou ditam alfabeticamente mensagens coerentes; 4.^a — As respostas e mensagens assim obtidas são, na maior parte, dum carácter banal, mas têm sido revelados, por vezes com exactidão, factos conhecidos apenas de uma das pessoas presentes; 5.^a — As condições de produção dos fenómenos são variáveis, notando-se, sobretudo, que a presença de certas pessoas parece necessária à sua produção e, pelo contrário, outras a contrariam, mas esta aparência não parece depender da crença ou da incredulidade a respeito dos fenómenos; 6.^a — Entretanto, a produção dos fenómenos não é assegurada pela presença ou ausência desta ou daquela pessoa».

Juntamente com tão concludente afirmação da comissão nomeada pela dita Sociedade Dialética, veio o depoimento do Dr. Cronwell Varley, físico distinto

e membro da Sociedade Real de Londres, que certificou: «Eu tenho-me podido assegurar de que os Espíritos dos nossos parentes nos visitam, realmente, e de que: 1.^o — Tenho-os visto distintamente em várias circunstâncias; 2.^o — Em vários casos, coisas conhecidas de mim apenas e das pessoas falecidas que se julgava comunicavam comigo, têm sido correctamente recordadas, ainda que o médium ignorasse absolutamente todas estas circunstâncias; 3.^o — Muitas vezes, factos conhecidos de nós dois apenas e *que eu tinha totalmente esquecido*, têm-me sido recordados por comunicações dos Espíritos; *portanto não eram casos de leitura do pensamento*; 4.^o — Em alguns casos, as comunicações eram respostas a perguntas feitas mentalmente e o médium, que era uma senhora da minha amizade, numa situação social independente, escrevia as respostas, ainda que não tivesse noção alguma do sentido das comunicações; 5.^o — A data e natureza de acontecimentos futuros, tão desconhecidos do médium, como de mim próprio, têm-me sido anunciados por mais de uma vez, com alguns dias de antecedência.

«Como os meus correspondentes invisíveis me diziam a verdade em relação aos acontecimentos futuros e afirmavam ao mesmo tempo que eram espíritos; como, por outro lado, nenhuma das pessoas presentes na sala conhecia o quer que fôsse dos factos comunicados, não vejo razão alguma para me recusar a acreditar-los».

Perante estes e muitos outros testemunhos de sábios de renome mundial, o eminente físico Sir William Crookes, também membro da Sociedade Real de Londres e que tanto se destacou com os seus estudos de fotografia da lua, e sobre a peste bovina, inventor de diversos aparelhos eléctricos e de medição da intensidade da luz; descobridor da amalgamação do ouro, com o auxílio do sódio, dando a conhecer um novo corpo simples metálico: o *Thalium*, e, mais tarde, com a sensacional descoberta da *matéria radiante*, que abriu o caminho dos mais importantes inventos da nossa época, enfim, Crookes, um dos maiores sábios do nosso século, com a sua autoridade científica e moral, quis desvendar o mistério e acabar com as dúvidas sobre a existência ou não de espíritos desencarnados, que se comunicam com habitantes da Terra. E fazendo as mais rigorosas experiências, sob a maior fiscalização e precaução contra fraudes ou sugestões, empregando grande número de aparelhos eléctricos registadores, declarou, depois de cerca de quatro anos consecutivos de intensos estudos, «que tinha observado e conversado com os espíritos, que os tinha visto, pesado, medido, registado, auscultado, fotografado, etc.» ...e perante certas hipóteses apontadas por outros cientistas, que, não se atrevendo a contra-

dizer tão grande sábio, procuravam argumentos basilares com que justificar uma contradição, Crookes declarou categoricamente: «*Eu não digo que o fenómeno é possível, digo que é real*».

Muitos outros nomes, não menos ilustres, poderíamos acrescentar a esta lista de sábios que certificaram a verdade do fenómeno espírita, como por exemplo: O Dr. Paulo Gibier, Charles Richet, autor do «Tratado de Metapsíquica», Sir Olivier Lodge, o físico Myers, Dr. Gustave Geley, fundador do Instituto Metapsíquico Internacional, César Lombroso, Varley, Zoellner, Carl du Prel, Aksakof, coronel de Rochas, professor Deuton, Epes Sargent, Oxley, Durand de Gros, Gurney, Dr. Hitchman, presidente da Sociedade de Antropologia de Liverpool, Bozzano, o astrónomo Flammarion... etc. e, em Portugal, os Drs. Freire, Lôbo Vilela... e tantos outros... Escritores e filósofos como Vítor Hugo, Alexandre Dumas, Teófilo Gautier, Conan Doyle, etc....

¡Pois, a-pesar d'este desfile de celebridades, ainda há quem, chamando-se ou sendo, mesmo, autêntico cientista, se atreve a acusá-los de fanáticos ou ignorantes e nega a sobrevivência da alma e os fenómenos espíritas! Ignorantes ou fanáticos sábios como Crookes, Sir Oliver Lodge e os outros que nomeámos?... ¡Sim, ainda há quem isto afirme! Ainda há quem sorria vaidosamente perante as afirmativas destes homens gloriosos. Há os que negam «a priori», negação que, segundo Vítor Hugo, é negação de estupidez. Negam por sistema, que é o reflexo da ignorância. Negam sem conhecimento de causa, sem nunca terem assistido a nenhuma sessão experimental, sem terem estudado nenhum dos milhares de livros publicados sobre estudos psíquicos, de filosofia espírita, fenómenos espíritas... mas são estes mesmos cépticos que leem com avidez e aceitam, não por compreensão ou conformidade, mas por «snobismo», as teorias da psico-análise de Freud...

Muitos cientistas negam por não sentirem dentro de si o espírito, pois, percebendo, unicamente, o corpo material, com as correspondentes necessidades fisiológicas, concluem que tudo se resume num sistema de actividade cerebral movimentada pelo sistema nervoso e, falando-nos de funções glandulares, fica o homem reduzido a semi-autómato, que vive até vibrar a última célula. ¡Como querem, pois, encontrar a alma, se ela é invisível e impalpável?...

Em vez de guerrear-se, toda a humanidade deve auxiliar-se e procurar estabelecer entre si um amparo que possa servir em todas as contingências, dêem-lhe, muito embora, os nomes de caridade, fraternidade ou solidariedade — que, no fim, tudo é fraternizar.

(D'«O Mensageiro Espírita», n.º 49)

Efemérides do Centro Espiritualista Luz e Amor

(Conclusão)

27-9-925 — Realiza-se o 5.º passeio de confraternização ao Estoril.

24-10-925 — O Centro muda a sua sede para a Rua Sampaio e Pina, H. A., 3.º, D.

29-11-925 — É feita a proposta, em sessão da Direcção e com a presença dos demais Corpos Gerentes, para que o Centro entre em massa na Federação. O proponente, Sr. Dr. António Freire, defendendo, embora, brilhantemente, este ponto de vista, não conseguiu acôrdo unânime, havendo quem fôsse de parecer que o Centro deveria conservar uma minoria de sócios que lhe garantisse vida própria.

26-12-925 — Resolve-se fazer funcionar na sede do Centro, em trabalhos experimentais, alguns Grupos Familiares, convidando-se para seus directores os srs. Drs. Adolfo Sena, António Freire, General Passaláqua, D. Maria O'Neill e Pedro Dias de Sousa.

7-2-926 — Festa artística e de propaganda realizada no Asilo de Santo António. Rendeu Esc. 1.436\$00, com que se deu um bôdo a 63 crianças que foram contempladas com bibes, vestidos, camisas, alpargatas, merendas e brinquedos.

16-2-926 — Tendo desencarnado, no dia 14, o Presidente da Assembleia Geral do Centro, General Passaláqua, a Direcção reúne-se expressamente para lhe prestar reconhecida homenagem.

18-4-926 — Inauguração oficial da sede do Centro e da sua biblioteca. Nesta data comemora-se, igualmente, o 3.º aniversário do Centro e presta-se homenagem ao General Passaláqua, descerrando o seu retrato.

3-6-926 — O Centro recebe convite da Federação Espírita Internacional para se fazer representar, em nome dos espíritas portugueses, no seu Comité Executivo e Comité Geral.

20-6-926 — São apresentadas mais 36 propostas para sócios. A Direcção toma conhecimento de terem sido aprovados pela autoridade competente os Estatutos da Federação Espírita Portuguesa. Eis as últimas palavras desta acta: «Como não houvesse mais assuntos a resolver, foi encerrada a reunião, sendo a próxima marcada *sine die*».

5-2-939 — Na residência da antiga directora D. Emília Marques, depois de quasi 13 anos de inactividade, realiza-se nova reunião da Direcção do Centro, na qual se resolve retomar a marcha interrompida, solicitando, para isso, o concurso de antigos sócios.

Nota — Por lapso não se indicou a data em que foi eleito o Conselho Fiscal do Centro e o nome dos sócios que dêle faziam parte. Embora deslocada cronologicamente, aqui deixamos essa efeméride. Foi em 13 de Abril de 1924 que a Assembleia Geral elegeu para aquêlê Corpo Gerente os srs. César Gonçalves, António Joaquim Correia e António Mendes da Silva.

COMO EU COMPREENDO A SOLIDARIEDADE

por Dinah Santos Lima

II

SEGUNDO o meu critério, parece-me que a nossa evolução se tem feito com a mesma morosa dificuldade com que caminha um carro que encontra muitos atritos.

Para este carro atingir o seu destino — para nós ignorado — tem, fatalmente, de esboroar, desfazer, recalcar até à inutilização completa da oposição, tôdas as pedras e obstáculos que se lhe depaem, porque também não podem furtar-se ao seu destino de serem esmagados e triturados.

Tudo quanto impeça a sua marcha sapiente e dolorosa, tudo será aplanado. É inútil opôr-lhe resistência; o carro não se afastará nem um milímetro do seu trajecto, nem, tão pouco, se compadecerá dos lamentos que o seu rodar arranque.

Só nós, as pedras ruins e ignorantes, seremos recalçadas, pisadas e moidas, até que não façamos obstáculo ao carro triunfal da evolução.

Deus não quer que nos deixemos esmagar; Deus quer que se vibre, que se reaja, que se evolua.

Emfim, Deus quer que nos furtemos ao esmagamento, não fazendo concha na terra e acomodando-nos à nulidade do ambiente, mas, pelo contrário, Ele quer é que o nosso corpo se torne tão fluídico e quíntessenciado, que o carro avance e não encontre atritos que o perturbem nem atrazem.

Devemos cuidar da auto-evolução para melhor compreendermos e cumprimos as ordens do nosso Chefe Supremo.

O que não oferece dúvidas é que temos de sofrer para evoluir. ¿Mas que importa a dor, se o sofrimento é transitório e a evolução é definitiva?

Resta-nos afastar as lágrimas fantasiosas sobre o nosso destino de torturados, porque elas de nada servem; perturbam-nos, e nada mais. É preferível que tenhamos a consciência do nosso papel e que não desperçamos as nossas energias em movimentos inúteis.

Mãos à obra, mas executemo-la, cantando. Será mais doce para nós e para o Pai que está nos céus e que vê a alegria com que os seus semeadores trabalham na sua seara.

Por tudo isto, concluo que é de incisiva oportunidade que se estabeleça o primado do trabalho cons-

ciente e produtivo sobre o das inutilidades consagradas e improdutivas.

Como trabalho consciente e produtivo compreendo a luta encaminhada para o bem.

Como inutilidades consagradas e improdutivas compreendo as lágrimas inúteis, as lamentações vistas, as palavras estêreis e vãs, as acções desirmanadas do amor e da razão ou ainda a cultura intelectual sem a cultura moral.

Tudo isto é obra que será posta de lado ao primeiro olhar do Chefe.

Seremos forçados a recomeçar, o que custa muito.

É, pois, inadiável, mas sem hesitações, que se coloque a auto-evolução no primeiro plano de reforma da humanidade em substituição das fantasias maravilhosas com que nos deixamos embalar, como se ainda fôssemos crianças ou como se não tivéssemos um cérebro próprio.

¿Porque deixaremos a nossa Idea na infância e a impediremos de tomar um corpo mais humanitário, mais em harmonia com as exigências do ambiente de hoje? Se a moldássemos pelas necessidades actuais — bondade, inteligência e decisão — nós próprios adquiriríamos uma forma mais subtil, mais leve e imponderável que melhor nos permitiria o movimento para a perfeição.

Já Paulo nos disse: «Quando eu era criancinha, raciocinava como criancinha, mas quando me fiz homem, despi-me do que pertencia à criança».

¿É tão diferente a vida que se vive hoje, daquela em que penetrámos no Mundo!...

Se essa outra vida era toda feita de ânsia de movimento e de viver e se, agora que estamos no apogeu da nossa força, não racionalizarmos esse movimento e não canalizarmos essa ânsia de viver para uma finalidade nobre e útil, ¿que objectivo terá, portanto, a nossa existência?

Querendo — mas para querer também é preciso saber querer — facilmente substituiremos as belas asas transparentes da quimera que tanto nos acompanharam nos nosso brinquedos, por umas outras asas mais sólidas, mais hábeis, que nos transportem ao mundo do real.

Querendo, podemos tirar todo o partido daquela maravilhosa e fértil imaginação infantil que nos fazia conceber e transportar para o campo das realizações, os nossos mais fantásticos sonhos.

Eu prefiro a nudez forte da verdade, sem o manto diáfano da fantasia...

¿Como poderemos remediar, substituir, construir, se a fantasia, qual nimbo prestidigitador nos encobrir a verdade?

¿Não será um suicídio deixar morrer em nós a sublimidade do espírito e os seus nobilíssimos atributos e consentir que o materialismo seja o apanágio da nossa existência?

Nós, sobretudo nós, espiritas, que conhecemos os Evangelhos e que temos rigorosíssimos deveres a cumprir para com os nossos irmãos e para connosco, vivermos molemente instalados na nossa fraca sabedoria que mal praticamos, presos, talvez, a insulsos preconceitos ou a um narcisismo grotesco, ¿não seremos muito mais culpados do que os materialistas que combatemos ou que pretendemos leccionar?

A responsabilidade de quem conhece é bem mais tremenda do que a de quem ignora...

Eu creio, eu afirmo, convicta, de que o momento exige acções geradas por um idealismo são e prático.

Para mim, é criminoso todo aquêle que habite os páramos da mais luminosa fantasia, ou que vibre num plano de indiferentismo consciente, ou ainda que, instalado na mais sublice espiritualidade, por uma comodidade que não posso deixar de cognominar de egoística, não desça do seu edénico pais e não venha à Terra, ao âmago da vida, verificar como nela nascem, vegetam e morrem os seus irmãos.

¿É criminoso!

Não tentar abrir as garras do Karma — embora justo, segundo a nossa Lei — para que elas não asfixiem a garganta das crianças, dos inválidos, das mulheres e dos que vivem arrastando uma cruz pesadíssima, é deshumano, é estar à margem do cristianismo e de todo o ensinamento messiânico.

¿Fora da caridade não há salvação!...

O sofrimento depura, é certo, mas quando é excessivo — e é-o muitas vezes por falta de solidariedade — para aquêles que não conhecem o Espiritismo e que supõem que a vida termina no túmulo, para aquêles que vêem a inverossimilhança das leis da Terra e o predomínio do mal sobre o bem, para êsses, o sofrimento já não depura, revolta ou mata a alma e a criatura cai e perde-se.

* * *

É preciso radicular em nós os sentimento do bem; é preciso implantar a supremacia do bem.

A propósito, ocorre-me agora uma máxima de grande verdade e oportunidade: «nem todos podem ser grandes, mas todos podem ser bons».

Ser bom é ser espirita e ser espirita é compreender, meditar sobre os Evangelhos e, ao mesmo tempo, cumprirlos. Isto é progredir.

¿De que serve a leitura de tamanha maravilha, se não a assimilarmos, dando à nossa alma superioridade sobre os nossos vícios?

Se, tendo poderes de radioactividade, ficarmos a vida inteira a olhar para a beleza que desta doutrina se expande e não a difundirmos sobre aqueles que caem neste combate renhido que é a luta pela vida, ¿não cometeremos um crime contra eles e contra nós próprios?

Diz-nos Léon Tolstoi na sua «Correspondência»:

«O cristianismo é o impulso, na direcção indicada por Jesus Cristo, para a verdade, para a completa perfeição do Eterno Pai.

«E o cristianismo será tanto mais verdadeiro quanto mais activo e acelerado.

«O ladrão na cruz, a prostituta no prostíbulo, são mais cristãos que os fariseus.

«Todo o homem, por mais envilecido que esteja, pode aspirar a ser cristão, mover-se e acelerar o movimento até o infinito». (Note-se que nada há mais belo e comovedor do que êsse sentimento do pecador arrependido).

E diz-nos, ainda mais, Léon Tolstoi: «toda a infelicidade humana parte da nossa miséria interior».

Está, pois, aberto o caminho para a felicidade, desde que se siga na direcção indicada por Jesus Cristo — o arrependimento e a regeneração —.

Todavia, nem todos têm ainda a força precisa para mover o raciocínio na direcção do arrependimento e, conseqüentemente, a preparação suficiente para se regenerar, extirpando-se da sua miséria interior. Mas têm-na os espiritas; temo-la nós, ou, pelo menos, devemos tê-la.

Porque conhecemos que a nossa doutrina é das melhores para nos proporcionar e aos nossos irmãos o poder de extirpação ou de resignação para a dor, a calma para a injúria, a verdade para a mentira, a fé para a luta, o perdão para os que prevaricam, o desinterêsse para o egoísmo e uma pródiga solidariedade para os que sofrem e mais ainda para os que caem, por isso mesmo, não devemos ceder ao mal um centímetro do nosso terreno e devemos roubar-lhe todo aquêle que, caído, pode estar prestes a cair mais fundo, por falta de coragem para se extirpar da sua miséria interior.

Para os que caem, mais do que para todos os

outros, a luz do espirita deve irradiar, brilhante e pura.

Para estes, que o vulgo cumula de desprêso e desampara, deve o espirita guardar o melhor e o mais amável dos seus tesouros: a sua solidariedade.

Nivelando-se com eles, tomando o quinhão que lhe compete no seu sofrimento e na sua desdita, fará tudo aquilo quanto deve fazer o espirita, não esquecendo que consolar e aliviar a alma não é o bastante para salvar e manter a vida.

Para tudo o que é terreno, não basta só o consolo da palavra e do amor; é condição imperiosa para habitar a Terra, que não se dissociem os cuidados do espírito dos cuidados da matéria, pois não devemos esquecer que se ele representa o nosso máximo poder, ela, por outro lado, é o veículo — o corpo físico — de que o espírito não prescinde para evoluir.

Da perfeita compreensão que deve existir entre o que pertence a um e o que pertence a outro é que surgirá a prática pura da Solidariedade, que dá a Deus o que é de Deus e a César o que é de César.

* * *

Deram-nos um mandato, temos de o cumprir.

Pior ainda: deram-nos um problema, temos de o resolver.

Não podemos esquivar-nos à sua solução, escudando-nos na ignorância, porque conhecemos a doutrina do Cristo que nos aponta nitidamente a Lei; não podemos representar de indiferentes, porque ser indiferente é ser conivente; e mais ainda, porque sabemos que todo aquêl que faz um erro e podendo, mais não faz, por bom o terás, segundo diz o ditado.

Quantas criaturas se perdem, porque ignoram que Deus existe, que de tudo o que se criou, nada se perde e tudo se transforma, que além desta vida outra vida continua e que quanto mais se sobrecarregarem de efeitos maus, maior será o número de causas que os hão de trazer cá a baixo?

E o que é a Terra, senão uma prisão onde estão enclausurados todos aquêles que transgrediram a Lei?

Ser espirita é ser bom e aquêl que pretenda sê-lo, de boa vontade, começou desde essa hora, a trabalhar para a sua regeneração e para a construção dos alicerces duma sociedade melhor.

Também se diz, na «Correspondência» de Tolstoi: *«o bem não pode ser, senão favorecendo a maioria forte e laboriosa em que repousa toda a sociedade»*.

Quanto é preciso trabalhar para que esta íntima aspiração se transforme num facto palpável e eficaz?

Se temos em nós a semente luminosa dos conhecimentos evangélicos, nada mais temos a fazer do que contribuir para que ela se reproduza na alma dos nossos irmãos.

É certo que nos espera uma vida de sacrifícios e abnegações e que os nossos heroísmos ficarão desconhecidos dos homens; as nossas lutas interiores ninguém as verá e delas ninguém falará. Mas, não importa. Deus o sabe e Deus o vê.

Haja, pois, a luta e a ânsia de tudo conquistar, dentro de nós; e fora de nós, haja sempre a paz e a certeza na vitória.

«Podemos esmorecer, pecar, enganarmo-nos, mas a directriz da nossa vida não mudará!»

Se a luta um dia fôr mais acêsa e o nosso braço cance, lembremo-nos de que, se aparentemente estamos divididos em parentes e amigos, o que somos, em pura verdade, é, simplesmente, irmãos!

Isto nos dará alento para prosseguir.

* * *

Chegámos ao fulcro principal destas considerações: Somos células vivas de um Todo, seres fasciculados dum Sêr Supremo, filhos dum mesmo Criador e, dentro do Espiritismo, mais do que dentro de qualquer outra religião, é que nos sentimos verdadeiramente irmãos.

Dentro do Espiritismo não há distinção de classes, nem há aristocracias, a não ser a do bem, que seria a única admissível.

Não deixemos, portanto, abolorecer na nossa alma a doutrina divina, e a solidariedade é o sumo delicadíssimo duma alma boa.

Sentimento de pura fraternidade, só por si, supre a escassez de outros sentimentos.

É ela que nos faz amar o próximo como a nós mesmos, que nos leva a pedir-lhe a sua cruz e a dizer-lhe, «dá-ma, eu compartilho do seu peso».

Mas, está ainda tão mal compreendida entre nós, entre a grande maioria, pelo menos — que dificilmente a praticam e, ainda quando a praticam, não amam.

E já Rabindranath Tagore nos ensinou que «onde o amor não trabalha, não há mais que um mundo morto».

E Tolstoi continua dizendo-nos: «se realizas uma obra que julgas boa e não sentes aumentar o amor na tua alma, sabe que a obra que realizar não é boa».

Mas, a-pesar do que nos diz o grande poeta e educador Rabindranath Tagore e do que nos diz Léon Tolstoi, figura bem demarcada no cristianismo, o poderio do atraso moral de muitos é de tal maneira vasto, que a consciência, nêles, não tem voz, é inteiramente muda.

Vejamos, agora, num salto rápido do pensamento, como se pratica a solidariedade entre os humildes.

Eles nada têm, senão pão duro e pouco mais. Os seus móveis são desconjuntados e reduzidos. As suas

camas são umas tábuas, com maus abafos, mas se àquela mãe a morte a levou, as vizinhas, tão pobres como ela, recolhem-lhe os filhos, dão-lhes do seu caldo, do seu calor, do seu pão.

Duns trapos pretos faz-se um luto e a caridade de quem passa, indiferente, na rua, faz o resto.

Quantos exemplos eles dão àqueles que lhes vão mitigar a fome sem lhes enxugar as lágrimas!

Eles, a quem ainda ninguém disse que por todo o bem que fizerem serão glorificados!

E os outros que, cintilantes de alegrias, supõem que Deus lhes premiará o gesto — quando a alma nem sequer sofreu e ficou fria — que inimaginável vergonha não sofrerão quando virem, um dia, esses miseráveis, esses seres ínfimos, sujos, que não sabem dizer palavras lindas, que são rudes e brutos, mas que vivem, afagados por Deus e dizer-lhes:

«Entrem, sereis fartos e saciados, porque muito sofrestes, e aqueles, não! Não serão do meu reino, porque é mais fácil passar um camêlo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus...»

Essa amálgama ignorada e ignorante, humilde e tímida, feia e desgrenhada, ela e só ela é que, de facto, é solidária.

Para dar ao seu semelhante aquilo que muitas vezes lhes faz falta, não precisa de estímulos verdadeiramente ofensivos da pura moral cristã; não é cruel, porque não vai mitigar a fome, rojando sêdas e jóias, e, como os modernos fariseus, não manda as trombetas anunciar as suas dádivas.

Ela é que ainda hoje nos prova que alguma coisa ficou no mundo, dêsse Testamento sublime que o Cristo nos legou — o seu grande e imperecível exemplo!

Para concluir, vou dizer como compreendo a Solidariedade, e como, segundo o meu critério, se poderia resolver tão grave e sério problema:

- 1.º — Restituindo a dignidade e o pudor à mulher.
Como? Condição *sine qua non*: acabar com a prostituição e, principalmente, regulamentada; não consentir à mulher outra profissão que não seja o trabalho, mas pago condignamente. «A prostituição é um insulto à nossa inteligência».
- 2.º — Dando à criança o ambiente moral e material que ela requiere para se poder desenvolver e preparar para a vida. Como? Amparando-a desde o primeiro instante da sua gestação, até ao nascimento e daí para cá, continuando sempre a ampará-la, roubando-a à promiscuidade das ruas e de lares que são, muitas vezes, a pior das escolas.

Facilitando-lhe a escolha da profissão, orientando-a na sua tendência.

CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

A Direcção deste Centro comunica a todos os sócios que se viu na necessidade de aumentar ligeiramente as cotas daqueles que se inscreverem a partir desta data, em virtude da manutenção da sede exigir recursos de que o Centro não dispõe, actualmente, não obstante a cotização suplementar oferecida por alguns amigos. Esse aumento é de \$50 centavos para todas as modalidades: SÓCIOS DE LISBOA, 3\$00; SÓCIOS DA PROVÍNCIA, 2\$00; SÓCIOS DAS COLÓNIAS, 4\$00; SÓCIOS QUE VIVAM SOB A DEPENDÊNCIA ECONÓMICA DOUTROS SÓCIOS, 1\$50.

A Direcção apela para todos os sócios inscritos, no sentido de aumentarem, voluntariamente, as suas cotas até àquelas importâncias, pois só assim se poderá enfrentar um estado de coisas que muito perturba a vida do Centro.

Se este apêlo for compreendido, muito lucrará a Causa que se defende, com a maior dedicação e desinteresse.

A Direcção aproveita o ensejo para comunicar que as sessões experimentais gerais se realizarão todos os domingos, às horas anunciadas no respectivo programa, publicado na última página desta revista.

Não a iludir nem sonegar-lhe a vida, para que a compreenda e se adapte a ela, pois é esta vida de luta, entretida de derrotas e de vitórias, que ela tem de viver.

Não a atabafar no seio da família e da civilização, porque a criança não é só de uma nem de outra, é do futuro, o nosso próprio futuro, pois muitas vezes, ainda, teremos de ser crianças.

- 3.º — Organizando a sociedade, de maneira que toda a gente tenha trabalho. O desemprego é chaga tão perigosa como a prostituição. Ambas corrompem, depravam e arrastam a pessoa humana ao rebaixamento.

- 4.º — Dando ao inválido a garantia da sua existência, assegurando-lhe o futuro, dando-lhe o conforto e a alegria que perdeu, não o considerando nunca como um farrapo inútil. Lembremo-nos de que um dia podemos ser iguais a ele e que embora hoje não produza, já produziu.

Semeemos ideias, para que nasçam obras.

O JUIZ E O ESPIRITISMO

por Henrique Magalhães

Representante de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro

○ Dr. A. Cruz, depois de um curso brilhante, formou-se em Direito. Jovem ainda, querendo desenvolver a sua capacidade de trabalho, conseguiu, após exaustivo concurso, nomeação como juiz.

Sua entrada no magistério obedeceu ao critério de há muito adoptado em casos tais. Começaria, portanto, a exercer as suas actividades num dos Estados da Confederação. É assim que vamos encontrá-lo em pleno exercício de suas novas funções no interior do Estado de Goiás.

Num belo dia em que, pelos seus muitos afazeres, percorria a comarca, divisou uma choupana que se ocultava sob frondoso arvorêdo. Veio-lhe a idea de pedir um café naquele rancho e, ao mesmo tempo, descansar um pouco. Aproximando-se da habitação, viu, brincando no terreiro, várias crianças, a mais velha das quais deveria ter uns onze anos.

Apeando-se, dirigiu-se a esta e pediu-lhe que fôsse chamar o pai.

— Papai está trabalhando na roça — respondeu a criança.

— Então chame sua mãe — disse o juiz.

A menina saiu célere e, daí a pouco, voltou acompanhada de sua genitora.

— Que deseja, môço? — perguntou ela.

— Venho pedir-lhe um café, minha senhora; pagar-lhe-ei generosamente.

— Ah, môço! Vossimicê mi ofende — retrucou a cabôcla: — Fazer o café, faço, mas recebê dinheiro, não. Espere um pouco, lhe mando já.

Daí a momentos, surgiu Luíza (assim se chamava a menina de onze anos), com o café que ofereceu ao visitante.

Este, enquanto saboreava a bebida, palestrava com a menina, nascendo dali uma certa afeição entre ambos.

Ao terminar, tirou do bolso uma cédula de cinco mil reis e deu-a a Luíza, dizendo:

— Isto é para comprar doces para você e seus irmãos.

Nesse instante, surge a mãe das crianças e, vendo o dinheiro na mão da filha, protestou e fez com que ela o entregasse ao seu bemfeitor.

— Eu não disse, môço, que não recebia dinheiro? Como é que vossimicê está teimando?

O juiz ficou meio desconcertado e propôs-lhe:

— Quere a senhora dar-me essa menina para eu educar? Tenho espôsa e podemos dar-lhe uma educação condigna. Farei como se minha filha fôsse.

— Quem é o sinhô? — pergunta a cabôcla, desconfiada.

O juiz dá-lhe um cartão, dizendo:

— Sou o Dr. A. Cruz, juiz desta comarca.

— Ah, doutô! — exclama ela admirada. — Foi bom o doutô vir aqui. O meu marido qué falá com o sinhô, mas não tem tido tempo. Eu vou falá com êle o que o sinhô disse e êle despois fala com o doutô.

Pouco depois, despediram-se, seguindo o juiz o seu caminho.

Alguns dias depois, o pai de Luíza levou-a à casa do magistrado e é aí que vamos encontrá-la, alguns anos mais tarde. A esta altura, tinha Luíza dezassete anos de idade.

O juiz acha-se sentado à sua mesa de trabalho, despachando volumoso número de processos.

— Sinhá, grita êle à sua espôsa — manda-me um cafézinho.

Daí a pouco, aparece Luíza, trazendo o café numa bandeja. Ao chegar perto do seu bemfeitor, algo de anormal processa-se na sua fisionomia; a bandeja treme-lhe nas mãos e, a custo, pousa-a na escrevaninha.

— Que é isso, Luíza? — pergunta-lhe o magistrado, surpreso, — Vovê está doente?

Transforma-se o porte da adolescente, desaparece a timidez do seu olhar e ela esclarece:

— Não é Luíza que te fala neste momento, meu amigo, por mais paradoxal que te pareça. Ouves Antônio Galvão, o que foi teu colega na Faculdade.

O magistrado ficou perplexo, visto não acreditar no Espiritismo; seus cabelos se eriçaram e a custo respondeu:

— Como pode ser isso? Aquêle que assim se chamava era meu colega e particular amigo, porém, já faleceu há muitos anos.

— Enganas-te, meu amigo, quanto à morte — respondeu a entidade que no momento falava por intermédio de Luíza. — Não compreendeste ainda o que é o que chamas morte. Fiz, sim, a minha passagem na vida material para o plano espiritual, três meses após a minha formatura, como bem sabes; encontro-me, porém, mais vivo do que nunca e a prova é que estou fa-

lando contigo e, para isto, prevaleci-me dêste aparelho maravilhoso, que é a tua pupila.

— ¿Que desejas de mim? — pergunta o juiz.

— Em primeiro lugar — continuou a entidade — venho chamar-te ao cumprimento do dever, do qual te desvias às vezes (neste ponto, a entidade lembra ao magistrado alguns casos em que êle laborara em erro e mostra-lhe o caminho a seguir, com uma precisão tal, que deslumbra o seu interlocutor). Venho ainda — prossegue — pedir-te uma fineza.

— Fala — diz-lhe o juiz.

— Sabes que tenho aí na terra aquêlê que foi meu irmão, o qual tu conheces, pois que privou contigo. Talvez só tu estejas em condições de ampará-lo e eu peço o teu auxilio.

— Farei por êle tudo o que desejares — respondeu o juiz.

— Não se trata de dinheiro, meu amigo, conforme estás pensando. O auxilio que quero de ti é o seguinte: êsse meu irmão está à beira de um abismo. Sua vida desregrada está desviando-o cada vez mais para o caminho da perdição e, se não encontrar mão amiga que o guie, cairá fatalmente no despenhadeiro.

— ¿Que posso fazer em seu beneficio? — perguntou o juiz.

— Escrever-lhe-ás, dando-lhe conselhos, como se teu filho fôsse. Talvez êle te atenda. Será a única maneira de salvá-lo.

— Pois bem — diz o juiz; — farei tudo o que estiver ao meu alcance para satisfazer ao teu pedido.

— Fica na paz de Deus, meu amigo, — diz a entidade espiritual ao despedir-se. — Parto satisfeito, pois que consegui o que há muito almejava. Velarei por ti e por êle.

Nisto, Luiza volta ao seu natural e, amedrontada e trêmula, pergunta ao magistrado:

— ¿Que aconteceu, Doutor? ¿Que fiz eu?

— Nada de mal, menina; vai para a cozinha.

Imediatamente, o juiz pegou na pena e começou a escrever àquele que trilhava o caminho do vício. Naquela missiva foram impressos conselhos de tamanha elevação que surpreendeu ao próprio autor, ao reler o documento.

Com aquela carta e outras que se seguiram, o transviado modificou-se, tornando-se bom e virtuoso. E o magistrado, que, antes, metido na sua toga, zombava do Espiritismo, entrou a estudar, por intermédio da filha adoptiva, a nova e consoladora ciência.

Agora, o austero juiz de ontem é um trabalhador das hostes de Jesus.

Foi assim que o digníssimo juiz se fez espirita. ¿Quanto terão passado por esta história verdadeira? ¿E a quantos irá acontecer o mesmo? Ignoramo-lo, mas parece-nos que êsses casos multiplicar-se-ão.

ESPERANÇA E FÉ

(2.º prêmio dos Jogos Florais Espiritualista de 1940, organizados pelo Centro Espiritualista Luz e Amor)

*O pequenino ser, qual mágica alvorada,
Era tudo p'ra ela; o resto... quasi nada.*

*Mas Deus, Nosso Senhor, marcara no destino
Da vida dessa mãe um dia amaranantino:*

*— A pequenina flor, qual rosa mal florida
Que o vendalval desfez e ao chão finar-se vem,
Partiu, largou no mundo a Morte desta vida,
Levada pela morte à Vida do Além.*

*E assim nasceu na Terra — alôbre de miséria —
Mais uma cruz nascida em uma cruz funérea.*

*Emmurchecida a face e macerado o olhar,
Febril de não dormir, exausta de chorar,
Aos céus dispara a dor em queixas incontidas,
Onde se sente a mágoa e vibra, a soluçar,
O cáldo amargor das lágrimas vertidas.*

*— ¡Meus Deus! Viver ainda é estranha maravilha,
Se a alma tenho longe ao pé da minha filha.
Se pouco tempo após havias de tirar-ma
P'ra quê então, meu Deus, havias de tu dar-ma?
¡Quiseste um anjo mais! Se tantos há no Céu,
¡Que falta te fazia aquêlê que era meu?*

* * *

*Andante cavaleiro, o tempo decorria,
E a mágoa dessa mãe — a mágoa de Maria —
Sendo na mesma intensa, era serena agora.
— É o mesmo do sol-posto o Sol de todo o dia
E a sua luz doirada é pálida na aurora.*

*Agora sabe, vê; agora vive e sente
A Vida que da vida as causas descortina.
O pequenino ser, a mágica alvorada,
Que era tudo p'ra ela — o resto quasi nada —
O sente, o sabe, o vê, à luz adamantina
Da crença que lhe deu aquela fé confiada
Que aos crentes abre e mostra alevantado norte.
Acorrentando o horror fastástico da Morte.*

*Domine-a embora ainda a angústia da saúde,
A treva dessa dor cedeu à claridade
Que a crença do Além nas almas irradia.
Na forma imaterial que as aproxima e une
Aquela mãe concentra, aquela reúne,
Todo o conforto e vida e única alegria.*

* * *

*Por fim, surge p'ra ela um mágico arcobol
De nova esperança — um céu, um astro, estrêla,
um Sol,*

*Que a vida lhe entreabre a novos horizontes.
— Meigo beijo de amor que na aridez dos montes
O orvalho deposita em noites estreladas.*

— ¡Na Noite desta vida há horas bem fadadas!

*E aquela mãe infeliz confia à fé sincera
A inegalável dita imensa que seria
Tornar a ver — ¡talvez! — naquele que ela espera,
O pequenino ser que aos Céus subiu um dia...*

Luanda

Luiz Filipe Lôbo de Aguiar

Notas & Comentários

A opinião dos juizes...

Muita gente fala de Espiritismo, ora discretizando, ora moçando, ora atacando, como se se tratasse, realmente, dum brinquedo de mau gosto ou teoria dissolvente dos bons costumes, apanágio de indivíduos profundamente equilibrados e de inteligências positivas, infensas a bagatelas atribuídas a almas do outro mundo... E, contudo, pessoas existem que abandonaram o ceticismo de ontem e se lançaram no estudo dessa frioleira que tanto engulho causa aos cérebros fortes, pesados e graníticos, de certos contemporâneos, públicos e notórios. Ainda há quem tenha curiosidade científica, quem deseje investigar conscienciosamente, para, depois, emitir a sua humilde opinião:

Está nesse caso o juiz Ribas Carneiro, da 1.^a vara, do Rio de Janeiro. Ao ser nomeado para este cargo, resolveu ler as obras fundamentais do Espiritismo, a-fim-de poder julgar, como magistrado idôneo, as questões relacionadas com a Doutrina, especialmente aquelas que digam respeito a médiuns.

Eis a sua opinião, imparcial e sensata, para a qual chamamos a atenção dos meritíssimos juizes portugueses:

«Quanto ao Espiritismo, há que distinguir: o «Espiritismo propriamente dito», e o «baixo Espiritismo».

«O Espiritismo propriamente dito é um conjunto de condições que se firmam no mais alto conceito moral, ajustando-se, a rigor, aos mais respeitáveis interesses da ordem social, sendo, como religião, das que mais fielmente se articulam com os preceitos cristãos. Assim, o Espiritismo na sua pureza está garantido pelos princípios constitucionais que regem o Brasil e praticar o Espiritismo é concitar aos homens que se irmanem, se respeitem, se auxiliem, é pregar a paz e a justiça, é estimular as inteligências ao aperfeiçoamento pelo estudo e meditação, é elevar o pensamento à perfeição.

«O que é crime, o que constitui acto ilícito, sujeito às penas da lei é o que a própria lei denomina o «baixo espiritismo», que se caracteriza por meio de magias, de bruxedos, de sortilégios e «cangerê» e «macumba», nas expressões africanas que já foram incorporadas na linguagem brasileira, todas aquelas feitiçarias que fogem radicalmente aos altos princípios do altruismo, por ofensivas aos bons costumes, à paz e à tranquilidade das famílias, à ordem pública, que perturbam a sensibilidade e a inteligência, que criam nos estados mentais graves perturbações, que chegam a provocar a loucura. É o «falso Espiritismo», meio corruptor da mentalidade que a lei incrimina e só ela e não o Espiritismo verdadeiro, tão elevado na sua natureza de crença cristã e tão salutar nos seus propósitos, segundo as atentas leituras que tenho procurado para bem firmar um conceito próprio.

— Há que distinguir entre Espiritismo e «baixo espiritismo» — declara o Dr. Ribas Carneiro.

Assim é, na verdade. São coisas diferentes e antagônicas. Onde um está, não está o outro.

O verdadeiro Espiritismo, que se propaga nestas colunas, é digno de ser estudado por toda a gente ansiosa de conhecimentos; o «baixo espiritismo», como lhe chama o magistrado brasileiro, pertence aos domínios da profilaxia social. São coisas diferentes, são coisas diferentes...

A opinião dos mentecaptos...

Confrade e amigo, cujo nome não vem ao caso, fêz-nos chegar às mãos «O Trabalhador», jornal católico da Empresa Renascença e no qual um anônimo qualquer discreateia acerca de Espiritismo, em secção intitulada «Migalhas de Ciência». E fá-lo com tamanha propriedade, com tão esclarecido conhecimento, que os leitores devem sentir-se profundamente orgulhosos do seu exímio orientador...

Principia assim o arrazoado:

«Todos sabem o que é espiritismo. Há muita gente que está convencida de que as almas do outro mundo podem ser chamadas a «falar» à gente cá da terra, por meio de uns indivíduos ou «indivíduos» com faculdades especiais e a que se chama médiuns».

Aparte a facécia sintática, que é de respeito, a-pesar-do homenzinho se dirigir a proletários, mais habituados ao manejo de instrumentos de trabalho, que às leituras de formação científica, o resto é ária cantada e decantada por tenores rotundos em demasia, para caberem no pentagrama musical...

Em todo o caso, o articulista sempre vai encaixando o assunto em Migalhas de Ciência, prova evidente de que se não trata de qualquer beberagem insulsa, tão do agrado de certas inteligências cujos partos mentais pertencem aos domínios do microscópio.

— Todos sabem o que é espiritismo — diz êle, displicentemente, como se falasse ex-professo, entre dois sórvos de mau grogue.

Se todos soubessem o que é Espiritismo, a começar pelo articulista, não se tomaria tanta vez a nuvem por Juno, em assuntos desta natureza. E assim como se não pescam trutas a bragas enxutas, nem apascentam ovelhas em água salgada, também se não vulgariza seja que for, sem o necessário conhecimento da seara em que se mete inexperiente foíce.

Lá porque certa revista inglesa publicou algumas comunicações mediúnicas dando a guerra como improvável, não se segue que se acoime o Espiritismo de frioleira jôco-séria. A culpa é daqueles que fazem perguntas infantis, ignorando que os Espíritos não prevêem o futuro com rigor matemático, atendendo aos factores psicológicos sempre instáveis que entram na premonição.

E o articulista continúa:

«Pode ser — há muito boa gente que nem nisso crê — pode ser que haja nos factos do Espiritismo qualquer coisa que a ciência ainda não explica, e tam-

bem pode ser que o Espiritismo seja arma do demônio para explorar os que perderam a verdadeira fé e vão atrás das revelações dos médiuns. Mas o que temos a afirmar, sem «pode ser», mas com plena certeza, é que Deus não permite que aí qualquer sujeito ou sujeita anormal, quando lhe apetece, tenha faculdades especiais para se pôr em comunicação com o outro mundo e chamar ao microfone esta ou aquela alma».

¿Quem será o fariseu que escreve semelhantes patacuadas? ¿Que autoridade terá ele para afirmar, com «plena certeza», que Deus não permite isto ou aquilo? Se há factos no Espiritismo, como declara o autor de «Migalhas de Ciência» do jornal católico «O Trabalhador», há que verificá-los. Não pode ser outra a atitude do sábio.

Infelizmente, há menos sábios, que «Migalhas de Ciência», as quais abundam, onde nunca houve, nem há espírito científico. Se pensarmos bem, é mais fácil entrar um calabre pelo fundo duma agulha, do que levar o insensato a medir afirmações irresponsáveis...

Regeneração

Há meses, O Clarim, de Matão, inseriu uma carta de Benedito Alves de Almeida, recluso da Cadeia Pública de Rio Preto, onde está a cumprir a pena de trinta anos de prisão. Esse documento, tão significativo e palpitante de verdade, foi dirigido àquele mensário, por intermédio da senhora D. Ilda Pincelli e publicado sob o título: «De como o Espiritismo opera a transformação do homem».

Segue a transcrição da carta, que merece arquivo nestas colunas:

Meus prezados confrades e irmãos:

Achando-me encarcerado há mais de dois anos e não me conformando com a condenação, passei essa temporada muitíssimo agitado.

Inesperadamente, talvez de mãos divinas, recebi diversos livros, entre os quais algumas obras de Allan Kardec.

Com a leitura dessas obras, compreendi logo a realidade da vida e vislumbrei o futuro que nos espera. Estou certo de que hoje, felizmente, só os espíritas estão habilitados a instruir todas as pessoas que, ignorando a verdadeira doutrina de Jesus, vivem na escuridão.

Faço a comparação com a minha própria pessoa, pois vivi sempre nas trevas. Hoje, porém, sinto-me satisfeito, a-pesar do pouco que sei dessa doutrina, que tanto devemos amar. ¿Por que falo assim? Porque ela me ensinou os mais sublimes ensinamentos, que me darão a luz e a salvação. Estou absolutamente convencido de que, se conhecesse há mais tempo o Espiritismo, não estaria, agora, encarcerado. Tenho dirigido estas palavras aos meus companheiros de infortúnio: «devemos seguir a doutrina espírita, a-fim-de reconhecermos os falsos caminhos que percorremos».

Caros irmãos, ouvi as palavras de um sentenciado: quem tiver filhos, deve baptizá-los com os ensinamentos do Evangelho, para que cresçam amando a Deus e ao próximo, como a si mesmos.

Termino, confessando-me muito grato aos irmãos do Centro Espírita Allan Kardec, de Rio Preto.

Outrossim, fico penhoradamente agradecido ao sr.

Luiz Gonzaga dos Santos, carcereiro da Cadeia Pública de Rio Preto, pelo auxílio espiritual que me concedeu.

No número um desta revista, publicámos uma nótula, segundo a qual um general alemão abandonou arraigadas ideias acerca da necessidade da guerra, devido a ter-se entregado a investigações psíquicas que lhe deram a chave de muitos problemas importantes. Hoje, publicamos a carta dum condenado que vem confessar-se arrependido, afirmando que, «se conhecesse há mais tempo o Espiritismo, não estaria, agora, encarcerado».

A carta que acaba de ler-se é um grito de alma que todos os condenados deviam meditar a fundo, a-fim-de procurarem o caminho da regeneração, em vez de refinarem no crime. O Espiritismo é susceptível de fornecer as verdadeiras bases da felicidade humana àqueles que venham de boa fé, dispostos a estudar e a observar. Assim, os maus tornam-se bons e os bons tornam-se melhores, depois de compreenderem a finalidade da existência planetária e estarem seguros de que o mal e o bem que se pratica, sobre nós recai, inexoravelmente.

Ao recluso Benedito Alves de Almeida, bastou a simples leitura de alguns livros de Kardec para encontrar a regeneração do espírito, até ali engolfado em trevas. Leu e compreendeu. Fêz exame de consciência e declarou que não seria criminoso, «se há mais tempo conhecesse o Espiritismo».

¿Querem prova mais eloquente de quanto vale a nossa doutrina? ¿Querem prova mais clara de que o Espiritismo procura a salvação do homem e não a sua perda, como afirmam os seus adversários desleais?

Temos, pois, que agradecer, ao Centro Espírita Allan Kardec, a larga distribuição de livros, folhetos e jornais espíritas, pelos reclusos da cadeia de Rio Preto.

Distribuição semelhante está, também, no nosso programa. Alguns já distribuimos e outros distribuiremos, certos de que alguma coisa de útil faremos em prol da regeneração da humanidade.

I. D. S.

A ACÇÃO DOS ESPIRITOS

A acção dum espírito sobre outro, à distância, principalmente em circunstâncias tão graves como a da morte, e da morte súbita em particular, a transmissão do pensamento, a sugestão mental, a comunicação à distância, não são mais extraordinárias do que a acção do imã sobre o ferro, a atracção da lua sobre o mar, o transporte da voz humana pela electricidade, a revelação da constituição química duma estrela pela análise da sua luz e do que todas as maravilhas da ciência contemporânea. A diferença consiste apenas em que tais transmissões psíquicas são de ordem mais elevada e podem levar-nos ao conhecimento do ser humano.

Camille Flammarion (L'Inconnu)

OS FACTOS ENTRE NÓS

por J. Vendrell i Mercadal

Bilocação do espírito dum vivo

NAS sessões de tiptologia a que me referi no último número desta revista, realizadas na Rua do Montepio Geral, 1, Lisboa, antiga residência de minha prima D. Cármem Vendrell i Serra, tivemos várias comunicações bem interessantes e identificadas, dentre as quais vou narrar a do espírito duma pessoa viva.

notícia que só a ele posso dizer e que me faz sofrer muito. Luiz».

Em virtude da minha dúvida acerca da palavra Xarrié, pedi-lhe a rectificação do enderêço. A mesa soletrou, então, por duas vezes seguidas: *Luiz Xarrié Gerez*.

Receando que este Xarrié não existisse e devido à dificuldade de nos correspondermos com a Catalunha, que se encontrava em guerra, escrevi um postal àquêle indivíduo, perguntando-lhe se queria pôr-se em comunicação directa comigo, pois tinha noticias importantes a dar-lhe, a respeito de seu filho Luiz.

Transcorridos uns dias, recebi carta dum despachante da Alfândega, dizendo ter recebido o meu postal, mas que, residindo, efectivamente, no enderêço mencionado, não conhecia pessoa alguma chamada Xarrié. Contudo, iria falar com os vizinhos.

Este meu correspondente pediu-nos noticias dum seu irmão, na persuasão de que nós lhe poderíamos dar noticias dos combatentes *governamentais*, o que, infelizmente, não pudemos fazer.

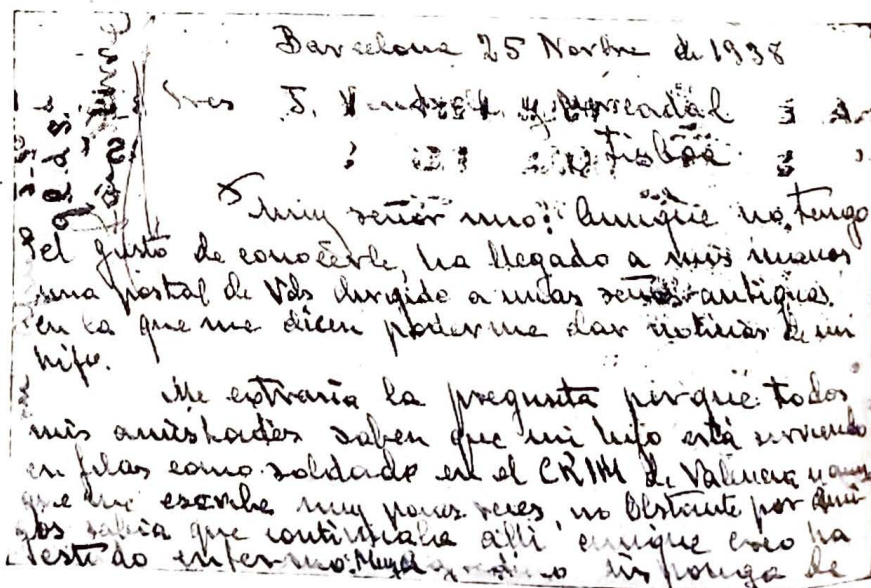
Como se depreende, ficámos desanimados, pois julgávamos que a comunicação recebida não era autêntica. Todavia, passados uns dias, tivemos a grande surpresa de receber o postal cuja zincogravura acompanha esta narração. Nêle, o sr. *Luiz Xarrié* nos diz em espanhol:



Fac-simile do postal enviado ao sr. Vendrell por Luiz Xarrié, de Barcelona

Na sessão que realizámos em 8 de Novembro de 1938, comunicou-se um espírito que deu o nome de Xarrié. Respondi-lhe que ignorava se tal palavra era nome ou apelido de qualquer pessoa, em face do que o espírito repetiu a mesma palavra três vezes seguidas e com energia. Perante semelhante afirmação, perguntei-lhe se tinha interesse em nos dizer alguma coisa. A resposta foi a seguinte, que traduzo, textualmente do catalão:

«Vocês podem fazer-me um grande favor. Escrevam ao sr. Xarrié, Rua Valência, 221, 1.º, 1.ª —Xarrié. Digam-lhe que seu filho Luiz morreu na frente da Catalunha, defendendo a República. Que procure a maneira de poder comunicar comigo. Tenho uma



Outro aspecto do mesmo postal

Barcelona, 25 Novbro de 1938.

Sr. J. Vendrell i Mercadal

Lisboa

Muy sr. mio:

Aunque no tengo el gusto de conocerle, ha llegado a mis manos una postal de Vd. dirigida a unas señas antiguas, en la que me dicen poderme dar noticias de mi hijo. Me estraña la pregunta porque todas mis amistades saben que mi hijo está sirviendo en filas como soldado en el CRIM de Valencia y aun que me escribe muy pocas veces, no obstante por amigos sabia que continuaba allí, aunque creo ha estado enfermo.

Muy agradecido, disponga de

su affmo. S.S.

Luiz Xarrié

Ficou, assim, confirmada a existência dum tal Luiz Xarrié, bem como a afirmação de que tinha um filho na guerra, tudo em perfeita concordância com as manifestações do espírito comunicante. Escrevi então, com natural mágua, àquêl pai, dando-lhe conta do trespasse de seu filho, tudo segundo os desejos do espírito, mas com as devidas precauções e consolações, chegando, mesmo, a dizer-lhe: «é possível que não seja verdade e se trate, apenas, de má interpretação da nossa parte, etc., etc.».

Terminada a guerra de Espanha, minha cunhada D. Josefa Soler e minha sobrinha D. Nieves Vendrell foram a Barcelona e pretenderam avistar-se com o sr. Xarrié, o que não conseguiram, devido a ter mudado a residência para Madrid, onde, finalmente, o encontraram, na volta a Lisboa, verificando que estava convertido ao Espiritismo e muito admirado e confundido com os fenómenos psíquicos. Confessou que tinha um filho chamado Luiz Xarrié Gerez; que residira na Rua Valência, 211, 1.º, 1.ª, donde o seu filho saiu para a guerra, que este lutou ao lado dos republicanos na frente de Valência e que caiu gravemente ferido e esteve internado num hospital desta cidade, na época em que recebemos a comunicação tiptológica; que, a-final, não tinha morrido e continuava de perfeita saúde.

Bela prova de comunicação do espírito dum vivo e facto bem identificado, pelo que é lógico deduzir que, estando o corpo gravemente ferido e sem sentidos, o espírito se deslocou e nos fez a comunicação que desejava transmissamos a seu pai, certamente por se julgar morto, sugestão esta que lhe devia ter ficado, ao sentir-se ferido e em estado de inconsciência.

Julgo desnecessário declarar que nem eu, nem qualquer dos assistentes à sessão tínhamos conhecimento da existência de tal família, tanto assim que julgámos até não ter fundamento o apelido Xerrié. O próprio sr. Xerrié, respondendo a uma pergunta de minha cunhada, disse que nunca conhecera pessoa alguma com o nome de Vendrell.

Lisboa, Janeiro de 1941.

Sinto-me confundido e envergonhado por tanto tempo ter combatido os fenómenos espíritas.

C. Lombroso

INCOERÊNCIAS

por Florindo de Oliveira

NUMA das suas produções, como brado de revoltada sensibilidade pelas incoerências do procedimento humano, diz Guerra Junqueiro: «A Vida é o Mal!...» E, seguindo nos seus conceitos de flagrante justiça, conclue: «O homem é a fera dilatada!...»

Deixemos a continuação das suas locubrações sobre o assunto, pois estas duas frases nos bastam para a exposição da desoladora verdade: «A Vida é o mal», porque «o homem é a fera dilatada!»

O homem, com a centelha divina da consciência, o sentimento admirável e grandioso que o aproxima de Deus, é a «fera dilatada!»

Verdade horrível a que, infelizmente, temos de reconhecer indiscutível evidência!...

De tantos males de que sofre a humanidade, apenas um pequeno, um insignificante número, vêm da Natureza ou de causas inconscientes. O maior número, os mais dolorosos, os mais espantosos males, vêm das criaturas, das suas relações entre si.

Cada ser que ambicione, ardentemente, a felicidade, e a busque por todas as formas, só a infelicidade alheia causa, e procura mesmo causá-la, na errada noção da luta pelo que julga os seus direitos, que brigam irremediavelmente com os dos seus semelhantes. E sendo fatal o choque de interesses e direitos, é contínua a luta, o desacôrdo permanente, quando o contrário é que seria digno de seres a quem foi dado o valioso dom da compreensão.

Dizem os ambiciosos e os comodistas — tão egoístas uns como os outros — que não há remédio possível para o mal, porque enquanto houver dois homens haverá dois antagonistas que defendem e pretendem fazer respeitar direitos que se entrechocam. E como ninguém transige nos seus direitos, ninguém cumpre os seus deveres, quando seria, precisamente, cumprindo-os, que a consciência se evidenciava.

! É este o simples, o único remédio! Tão simples e tão fácil de empregar, que se não compreende porque o não buscam as criaturas para ter a felicidade, a única felicidade terrena: a vida no amor e na harmonia.

E, se é este o remédio, ¿ porque não empregá-lo? Se todos desejam ser felizes, ¿ porque o não procuram ser desta maneira? ¿ Pode compreender-se procedimento contrário? ¿ Porque procurar a felicidade à custa do prejuízo alheio, se buscando não causar prejuízos é que dá felicidade?

Meditemos um pouco sobre este ponto e logo verificaremos como é certo o seu resultado feliz. Não há ninguém que não tenha sentido alguma vez a satisfação de se útil ao seu semelhante; essa satisfação é, sem dúvida, maior, do que aquela que se sente quando recebemos o benefício.

Lutando, cegamente, por tudo o que julgamos ser os nossos direitos, igualamo-nos aos animais irracionais. Estes, lutam entre si, pelo que pretendem, porque a sua condição de seres inconscientes lhes não faculta a compreensão de quaisquer deveres; mas nós, seres conscientes, conhecendo o direito que todos

BIBLIOGRAFIA

O DESCONHECIDO E OS PROBLEMAS PSÍQUICOS, por *Camille Flammarion*. Tradução de *Arnaldo S. Tiago*. 555 pág. 1940. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira

O labor, cada vez mais fecundo, da Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira, é alguma coisa de grandioso que desperta a admiração do público das duas nações atlânticas, que falam a mesma língua e vivem das mesmas tradições. Após a vulgarização das obras primas de Delanne, — escarpelizador do materialismo, senhor absoluto do verdadeiro argumento científico, — uma obra do grande Flammarion, cerebidade poliforme que abarcou, para assim dizer, toda a gama dos conhecimentos humanos.

O *Desconhecido e os problemas psíquicos* é obra de fôlego e chega a ser exaustiva, à força de argumentos. Demonstra, igualmente, que o seu autor investigou durante muito tempo, antes de se abalançar à publicação das suas conclusões.

Compõe-se de nove capítulos. Os dois primeiros são dedicados a crêdulos e incrêdulos e tendem a provar o perigo destes dois extremos da fé; e, para evitar erros e prevenir desilusões, o expositor coloca-se em campo neutro, dizendo: «não percam de vista que me conservo constantemente em guarda: **eu investigo**». E entra, a seguir, na exposição dos factos, apoiado na divisa de Jean-Jacques: *vitam impendere vero*. Acêrca das «Manifestações telepáticas de agonizantes e as aparições», apresenta 180 casos bem curiosos, uns contados por indivíduos de suas relações, outros enviados aos *Anais Políticos e Literários*, onde o sábio astrónomo abriu um inquérito, a que responderam milhares de leitores.

Depois, passa à «Admissão dos factos» e faz as seguintes afirmações:

— «Este estudo é *essencialmente científico*, como se tratássemos de astronomia, de física ou de química».

temos a uma parte da vida, sabendo como encontrá-la, tendo a clara noção da causa e do efeito, cumpre-nos proceder doutra forma, pois a felicidade reside na harmonia entre todos.

¿E será, porventura, isto difícil?... O «faz aos outros o que desejás te seja feito», — base máxima da fraternidade cristã, da mais flagrante justiça entre os seres conscientes — é apenas uma questão de decidida vontade. E aqueles que assim procedem só a felicidade encontram, porque só desejando o bem, o bem lhes é retribuído.

Desde que cada um procure cumprir os seus deveres para com o próximo, buscando, amoravelmente, salvar e atender os seus direitos, na retribuição terá os seus direitos atendidos. ¿Quem dá, recebe!... E estava achada a verdadeira felicidade.

Como, até agora, os homens só inimizade oferecem — no absurdo egoísmo de cada um querer para si o máximo — só inimizades colhem, numa infundável luta, que torna verdadeira a dolorosa frase do poeta: «A Vida é o Mal!»

— «Parece-nos mais científico procurar conhecer estes fenómenos, do que negá-los sem exame».

— «Todo espírito isento de prejuízos, não pode recusar-se a admiti-los».

Prova, também, que a alucinação não explica os factos e conclue o capítulo V com três afirmações que merecem ser conhecidas:

A *telepatia pode e deve ser inscrita na ciência, como realidade incontestável*.

Os *espíritos podem agir uns sobre os outros, sem necessidade dos sentidos*.

A *força psíquica existe. Sua natureza permanece desconhecida*.

«O mundos dos sonhos» é objecto de setenta casos de manifestações de moribundos, recebidas durante o sono, e de quarenta e oito de visão à distância, em sonhos, declarando que «a visão não pode mais ser negada» e que «as correntes psíquicas devem ser admitidas como realidades».

Capítulo curioso é o que se refere aos «sonhos premonitórios e a adivinhação do futuro». Apresenta setenta e seis casos comprovativos da sua tese e termina com este período:

«As manifestações telepáticas de moribundos, a transmissão do pensamento, a acção psíquica dum ser humano sobre outro, à distância, e a previsão do futuro, em sonho e em estado sonambúlico, constituem, para nós, *factos positivos*».

Emfim, este livro não pode analisar-se numa só página de revista. Seria necessário uma série de artigos para resumir o seu conteúdo.

A tradução satisfaz, embora haja deslizes de construção que deixam entrever certo apêgo à letra. Mas é trabalho honesto que honra o confrade Arnaldo S. Tiago, cuja colaboração no *Reformador* o tem imposto à consideração do público espirita.

I. D. S.

A prova está demasiado feita para que se não busque o infalível remédio que a cegueira inconcebível dos homens tem desprezado, criando, com as falsas noções dos seus verdadeiros interesses, um autêntico inferno em que a humanidade está condenada ao perpétuo sofrimento.

E como quem dá recebe e do mal só o mal resulta, busquemos receber o bem, oferecendo apenas o bem, desejando-o sincera e firmemente.

¿Basta que cada um deseje ser útil ao seu próximo, procure sempre o seu bem, para que o Amor e a Harmonia sejam uma realidade, porque para viver no amor e na harmonia é que existimos sobre a Terra!...

Ler no próximo número um interessante trabalho do Dr. António J. Freire, intitulado «O Éter Cósmico».

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Coisas espantosas

Na verdade, são profundamente espantosas as coisas que passamos a contar, sem que, para elas encontremos razão suficientemente explicativa.

Sabemos que, em muitos pontos, os vivos são governados pelos mortos e que o «visível» é minúscula partícula do universo, quasi todo elle occulto aos nossos sentidos fisicos. Por isso, não comentaremos os factos. Deixaremos o comentário a cargo do leitor interessado, que, de-certo, não deixará de meditar no assunto.

Foi no principio da Grande Guerra que os fenómenos começaram a desenrolar-se, segundo relato do grande semanário alemão *Woche*, que publicou a noticia, em termos absolutamente imparciaes.

Após uma manobra difficil, alguns barcos de guerra alemães aprisionaram determinados vapores ingleses, entre os quaes se encontrava o «Dundee», que se empregava no transporte de carga e que immediatamente se transformou em guarda-costas, tripulado por marinheiros germânicos e encorporado numa esquadilha, de que fazia parte o «Weser», como navio chefe.

Logo que o «Dundee» içou a bandeira alemã, deram-se a bordo coisas espantosas. Primeiro, desintelligências e equívocos na transmissão e execução de ordens, não obstante a competência do comandante e o adestramento da tripulação, o que motivou erros inevitáveis de manobra, cuja origem ficou sempre envolta em mistério. Uma vez, os submarinos ingleses aproveitaram a noite para minar certo local, onde passaria o comboio a que pertencia o «Dundee». Pois, na altura do campo de minas, este cargueiro abandonou inesperadamente o rumo que seguia, contornou o perigo e só voltou ao rumo, quando ultrapassou o campo. Os restantes navios atravessaram o local, sem nada pressentir, e um deles explodiu. Ninguém pôde averiguar a causa da manobra. A-pesar-de ter havido apparentes desobediências e algumas punições, tudo ficou na mesma.

A tripulação andava inquieta e intrigada. Por pouco, não houve abalroamentos com o «Weser», contra o qual parecia recair a estranha «fúria» do «Dundee».

No fim da guerra, o «Dundee» foi entregue à Inglaterra, juntamente com outros navios mercantes; e, muito antes destes últimos largarem de Heligoland, largou o «Dundee», cujas caldeiras, por estranho mal-entendido, foram mandadas acender pelo capitão. O mais interessante é que o misterioso navio ficou inopinadamente desgobernado ao deixar o porto e descreveu uma volta, durante a qual passou ameaçadoramente junto do «Weser», em ar de desafio.

Estas informações foram dadas pelo capitão do

«Weser», que, por sua vez, as transmitiu a Hans Friederich Bunck, autor do relato.

Mais tarde, cada navio seguiu o seu destino, na faina de servir a economia geral dos povos. O capitão do «Weser», ao passar um dia pelo «Dundee», sentiu não poder cumprimentar o seu «inimigo». O «Dundee», porém, foi ao seu encontro, passou-lhe por bombordo e o capitão do «Weser» sentiu em torno de si uma forte rajada de vento que lhe atirou o boné ao mar. De-repente, a rajada extinguiu-se. O capitão diz que nunca lhe aconteceu semelhante coisa, na sua longa carreira de marinheiro. Tem o crânio possante e os marujos costumam puxar o boné até às orelhas. O fenómeno deu-lhe a impressão dum individuo que lhe tirasse o boné e o lançasse ao mar.

O capitão do «Weser» conta outro caso ainda mais espantoso. Passados anos, o «Weser» vinha do Levante com mercadorias, teve que fazer escala por Gravesand e subiu o Tamisa, com a preamar. Ao passar o Regent Canal, sobreveio a baixa-mar e fundeou perto do cais, precisamente quando o «Dundee» descia, com a maré baixa.

A despeito da boa visibilidade e da calmaria, este último mudou subitamente o rumo e avançou sobre o «Weser», abalroando com elle.

Feito o necessário inquérito, verificou-se que não houvera erro de navegação, nem defeito nas máquinas e que o espaço era sufficiente para a passagem.

O capitão do «Dundee» e o tribunal de justiça encontraram-se em frente dum enigma insolúvel. Pouco depois, o «Dundee» naufragava na Biscaia, arrastando consigo mais de metade da tripulação.

Aqui está, em síntese, uma série de peripécias bem difficeis de explicar, sobretudo para os materialistas, antigos e modernos, que apenas acreditam naquilo que directamente os impressiona. Embora, como dissemos acima, não pretendamos explicar o fenómeno, não nos repugna admitir a influencia de entidades desencarnadas que, em certas condições, podem agir sobre a matéria, quer movendo objectos, quer deixando marcas indeléveis. No caso em aprêço, o cérebro e os braços dos tripulantes teriam sido influenciados para dirigir e executar manobras involuntárias e contraditórias, em obediência a desígnios e vontades incompreensíveis. Duma forma ou de outra, trata-se, realmente, de coisas espantosas, que confundem a razão humana.

O fumo, o álcool e a mediunidade

Psychic News publicou há tempos um artigo intitulado «O fumo, o álcool e a mediunidade», no qual se expõem magníficos preceitos a observar. Tanto basta

para que nos façamos eco de tão belas e judiciosas palavras.

«Que influência tem o fumo e o álcool sobre a mediunidade?»

«Podem os médiuns entregar-se a esses vícios?»

«Tem isto alguma influência no corpo fluidico?»

Depois de observar que ainda se não procedeu a experiências sistemáticas, pelas quais se pudesse verificar, rigorosamente, se a mediunidade sofre ou não com isso, prova que os melhores fenómenos foram obtidos com o auxílio de médiuns abstinentes destes vícios. J. J. Morse, E. W. Wallis, Hudson Tuttle, A. J. Davis, Dr. Peetles e Cora Richmond foram médiuns célebres, mas o primeiro suplantou os outros, deixando a impressão — segundo o articulista — de que a referida abstinência favorece consideravelmente o trabalho mediúnico, colocando o médium em condições especiais para o trabalho espiritual e facilitando a aproximação das entidades invisíveis. Além disso, tudo o que prejudique a saúde do corpo, deve prejudicar o funcionamento das faculdades mediúnicas. Neste sentido, operam os guias, aconselhando os seus instrumentos a manter o maior equilíbrio físico e moral.

As faculdades psíquicas não devem reprimir-se. Isso prejudica o citado equilíbrio. O que é facto é os guias insistirem sempre na integridade e pureza dos médiuns. Nestas circunstâncias, indicam a abstinência do fumo e do álcool, visto que nenhum destes estimulantes concorre para a cristalização da atmosfera do médium.

Além de estar em desacôrdo com os ensinamentos de Jesus, a acção do fumo e do álcool entorpece a vontade. Daí, a inquietação produzida pela abstinência forçada.

— Nas manifestações espíritas — escreve o articulista — o espírito actua no sistema nervoso do médium, a-fim-de poder exercer o seu verdadeiro contrôlo. Tudo, pois, que enfraqueça, envenene ou deminua a eficiência do sistema nervoso dificultará a acção dos espíritos.

«Quando J. J. Morse começou a sua actividade mediúnica, os guias pediram-lhe que deixasse de fumar. Morse não quis abandonar, logo, o seu cachimbo, mas os guias resolveram agir com prontidão. Um dia, Morse andava a passear e a saborear o cachimbo. Súbitamente, notou que o fumo desaparecera e estava aspirando o ar puro. Compreendeu a advertência e deixou, então de fumar.

«Se o fumo não fôsse prejudicial à mediunidade, os guias de Morse não teriam insistido tanto com ele para abandonar o cachimbo.

«Estes hábitos, puramente materiais, perduram até depois da desencarnação, causando inquietações ao espírito. Devemos lembrar-nos do nosso corpo fluidico, causa dos nossos desejos.

«Mas qual será a consequência de tais vícios, na vida espiritual? Diz, ainda, o espírito instrutor:

— «Eu posso afirmar que o desejo destes vícios persiste muito tempo e causa certo mal-estar ao espírito. Aos 20 anos, costumava fumar. Depois abandonei o vício. Todavia, a-pesar da minha completa abstinência, muitas vezes pensava nas «delícias» de um bom cigarro. Felizmente, sempre pude resistir ao vício, embora sentisse, durante algum tempo, a falta do vício a que me entregara».

«Não se dará o mesmo com os desencarnados, que

entram no mundo espiritual com o corpo fluidico revestido de todos estes desejos e atributos?

Quanto ao abuso do álcool, o articulista transcreve a seguinte comunicação recebida por S. Morses:

«Eles começam por satisfazer os desejos da animalidade e acabam escravos da carne. As nobres aspirações, o desejo de progresso moral, a consciência, enfim, tudo é subjugado e, no lugar do espírito, a carne assume a ditadura suprema, apagando a luz moral e intelectual e envolvendo o espírito em atmosfera impura.

«O espírito que assim procede é digno de compaixão, visto que os Guias se afastam por não poderem manter-se no ambiente. E outros espíritos os substituem, por ali encontrarem os elementos próprios à satisfação dos seus vícios, de que se tornaram escravos na vida material. Esta tendência da reprodução do vício é das mais terríveis consequências da transgressão consciente das leis da natureza».

O artigo termina com os seguintes parágrafos profundamente judiciosos:

«O espírito viciado, depois de desencarnar, fica rondando os lugares dos prazeres antigos, procurando viver a vida material nos vícios dos outros e buscando nesta sensação aparente aquilo que julga ser a felicidade.

«O exercício das faculdades psíquicas, principalmente no caso da mediunidade de efeitos físicos, exige do médium algum tempo de repouso para restabelecimento das energias gastas.

«Neste período, é necessário o maior cuidado. Infelizmente, ainda há insensatos que, depois das sessões de efeitos físicos, dão aos médiuns bebidas alcoólicas, ignorando que cavam a ruína dos médiuns e assumem grande responsabilidade ante o mundo espiritual.

«Os médiuns devem manter-se à altura da sua vocação. Devem ser senhores de suas casas, devem ter contrôlo sobre si mesmos e saber dizer *sim* ou *não* e nunca serem escravos dos vícios».

Preconceito científico...

Há uma expressão, pesada e agressiva, que importa esclarecer: «o objectivo do meu trabalho não é sério». Noutros termos; não queremos saber se tendes ou não tendes razão; basta-nos saber que a verdade, cuja defesa pretendes fazer, não pertence ao número das verdades catalogadas e autorizadas, que se podem ventilar sem compromisso, verdades confessáveis, *verdades sérias*. Existem verdades ridículas. Tanto pior para elas! Talvez chegue a sua oportunidade e então as pessoas respeitáveis dignar-se-ão tomá-las sob a sua protecção; mas, ao aguardar essa oportunidade e sempre que haja pessoas que pisquem os olhos ao ouvirem tais verdades, será de mau gosto afrontar o clamor da opinião estabelecida. Não nos faleis da verdade! Trata-se de guardar as conveniências, de ter compostura, de não se afastar da senda por onde marcham, em fileira, os homens sérios.

Conde Angenor de Gasparin («As mesas girantes»)

NOTICIÁRIO

Números esgotados

Achando-se esgotados os números 1, 3 e 5 de *Estudos Psíquicos*, rogamos a todos os consócios e assinantes, que não façam colecção, o favor de nos dispensarem êsses exemplares, destinados às nossas colecções. Em troca, enviaremos folhetos de propaganda.

Desde já agradecemos os exemplares que nos puderem arranjar.

O atraso dêste número

Em virtude de avaria na máquina de compor, que não pôde ser imediatamente reparada, fomos obrigados a dilatar a saída dêste número de *Estudos Psíquicos*, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Oferta de livros

O nosso estimado consócio Fernando da Cruz Ferreira teve a amabilidade de oferecer ao Centro 12 exemplares do seu recente livro, intitulado «Amor, Vida e Evolução», cujo produto se destina à Comissão de Beneficência. Gratos pela oferta, aqui deixamos consignado o nosso reconhecimento a tão prestimoso confrade, a quem o Centro deve os mais assinalados serviços.

Fôlhas do Natal

Da autoria de Ypoméa e Luiz de Oliveira, directores do Asilo Deus, Cristo e Caridade, de Santa Fé, Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo, Brasil, recebemos um pequeno opúsculo intitulado «Fôlhas do Natal», compreendendo o acto em prosa «Almas Cristãs», a poesia «Olhar de Jesus» e a palestra «Semeador Cristão», em que se reflecte o grande amor à Causa. Agradecemos a amável dedicatória e desejamos aos seus autores tôdas as felicidades de que são dignos, pela bela obra que estão a realizar.

O meu livro

A médium Ernestina que durante três anos (1920-1923) prestou ao Grupo «Luz e Amor» o concurso da sua excelente mediunidade, deixou reunidas em volume por ela própria manuscrito, as comunicações que recebeu.

Com a transformação do Grupo em Centro, êsse repositório de mensagens mediúnicas que a própria médium denominou «O Meu Livro», passou a fazer parte do património da nova agremiação.

Quando se resolveu suspender a actividade do Centro Espiritualista Luz e Amor, para que a maioria dos

seus sócios entrasse em massa na Federação Espirita Portuguesa, cujos Estatutos acabavam de ser aprovados pela autoridade competente, foi «O Meu Livro» confiado à guarda da sr.^a D. Maria Velela, ao tempo Presidente da Direcção do Centro, e em seu poder se tem conservado.

Encerra «O Meu Livro», nas suas 120 páginas, 40 interessantes comunicações, algumas delas de grande alcance filosófico e moral, já publicadas na revista «A Asa».

Quis a sr.^a D. Maria Velela que êsse feixe de ensinamentos recebidos por um dos melhores médiuns portugueses fôsse confiado à actual Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor e, nesse intento, acaba de no-lo enviar.

A Direcção do Centro, que já teve ocasião de, particularmente, agradecer o gesto da sua estimada confrreira, aqui deixa público testemunho do seu reconhecimento e louva-se por poder anunciar o regresso, ao património do Centro, de mais um livro que, como outros, lhe pertencia e, como êles, não chegou a conhecer outro proprietário.

As nossas conferências

Realizaram conferências na sede do Centro, os srs. Tenente Isidoro Duarte Santos, J. Vendrell i Mercadall, Drs. António J. Freire e Sebastião Elviro Martins, os quais versaram, respectivamente, os seguintes temas: «O Espiritismo e a Juventude», «O Espiritismo perante a ciência», «Alguns aspectos do Espiritismo Experimental» e «A Reencarnação».

Estas conferências foram distinguidas com selecta e numerosa assistência, demonstrando, assim, o interesse que estas assuntos têm despertado.

Secretário da redacção

Por o sr. Dr. José Joaquim Gaita, devido às suas ocupações particulares, nunca ter podido desempenhar o cargo de Secretário da Redacção, tendo o Director que acumular aquelas funções, fica, desde hoje, extinto o referido cargo.

Jogos Florais Espiritualistas

A exemplo do que succedeu no ano que findou, o Centro E. Luz e Amor vai promover a realização de jogos florais, cuja inauguração terá lugar no dia 9 de Novembro próximo futuro.

A êste interessante torneio literário poderão concorrer, com trabalhos inéditos, todos os poetas e prosadores portugueses, espanhóis e brasileiros.

As produções devem ser de carácter acentuadamente espirita e assinadas com legenda ou pseudónimo e enviadas ao Centro até o dia 1 de Outubro, em sobrescrito fechado, com a seguinte indicação: «Jogos Florais Neo-Espiritualistas de 1941».

Este sobrescrito será acompanhado de outro, *fechado e lacrado*, contendo o nome e endereço do concorrente. Exteriormente, este último sobrescrito insere-se a legenda ou pseudônimo que subscrever a produção.

O júri atribuirá alguns prêmios que, a seu tempo, serão tornados conhecidos.

Sócio Honorário

A Direcção do Centro E. Luz e Amor resolveu conceder o diploma de sócio honorário à Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, atendendo aos relevantes serviços que nos tem prestado. Os seus constantes e preciosos auxílios muito hão concorrido para que a nossa obra alargue os objectivos e leve grande número de pessoas a interessarem-se por ela.

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Caixa de Propaganda, para auxílio do n.º 8	260\$00
C. V. J.	230\$00
Dr. Fred Wachsmann	10\$00
Alfredo Oliveira Sá Carneiro, do Pôrto	8\$00
D. Maria Ferreira Soares, de S. Tiago de Castelões, Famalicão	20\$00
Jorge Rodrigues Gomes, de Lisboa	3\$00
Tomaz Domingues d'Oliveira, de Pôrto de Mós	2\$00
	533\$00

Caixa de Propaganda

N. S. J. C.	5\$00
------------------	-------

Beneficência

J. A. M.	50\$00
António Castanheira de Moura	27\$50
Américo Vieira da Silva	1\$50
Fernando Falcão	1\$50
Hetnrique Vieira da Silva	1\$50
	82\$00

Por lapso, não foram publicados no último número os seguintes donativos, destinados à Comissão de Beneficência:

D. Montserrat Vendrell	10\$00
D. Nieves Soler	13\$00
J. Vendrell	10\$00
D. Josefa Soler	14\$00
	47\$00

Comunicações

O Centro Literário Excelcior, de S. Paulo, fundado em 1916 e cuja obra tem exercido grande influência na mocidade brasileira daquela cidade, escreveu-nos, no sentido de lhe enviarmos livros, revistas ou jornais, destinados à sua sala de leitura. Com o maior prazer que lhe remeteremos uma coleção de *Estudos Psi-*

quicos, bem como os números que, de futuro, forem publicados. Muito nos apraz registar esta solicitação que, sobremaneira, nos distingue.

Sessões experimentais

Doravante, serão intensificadas as sessões experimentais gerais que, até aqui, se realizavam, quinzenalmente, na sede do Centro E. Luz e Amor. Como alguns sócios manifestaram o desejo de que estas sessões tivessem lugar à tarde, a-fim-de poderem assistir, sem prejuízo de suas ocupações, chamamos a atenção dos interessados para o programa dos trabalhos, que vai inserto noutra lugar desta secção e que satisfará gregos e troianos.

Programa dos trabalhos do Centro, durante os meses de Março e Abril, na Rua do Salitre, 149, 1.º

Dia 9 de Março, às 21.00 — Sessão experimental geral.

Dia 16 de Março, às 21.00 — Sessão experimental geral.

Dia 23 de Março, às 16.00 — Conferência pelo sr. Dr. Fred, intitulada: «Concepções modernas sobre origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito».

Dia 23 de Março, às 21.00 — Sessão experimental geral.

Dia 30 de Março, às 16.00 — Sessão experimental geral.

Dia 6 de Abril, às 21.00 — Sessão experimental geral.

Dia 13 de Abril, às 16.00 — Sessão experimental geral.

Dia 20 de Abril, às 15.30 — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada: «Formas astro-mentais».

Dia 20 de Abril, às 21.00 — Sessão experimental geral.

Dia 27 de Abril, às 16.00 — Sessão experimental geral.

Falta de espaço

Em virtude da falta de espaço, tivemos que retirar as secções «Por êsse mundo...», «Ecos da imprensa espírita», parte da «Crónica Estrangeira» e da «Bibliografia», do que pedimos desculpa aos leitores.

Ler brevemente em ESTUDOS PSÍQUICOS três ensaios psicológicos à-cêrca de Allan Kardec, Gustave Geley e Camille Flammarion, da autoria do Dr. Luiz M. di Cristóforo, nosso redactor-correspondente em Buenos Aires.